

Julho de 2021

O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA APRESENTA:

Seda 2021.1

POÉTICAS VAZANTES

28, 29 E 30 DE JULHO | 18H ÀS 21H30
ONLINE - GOOGLE MEET

Seda 2021.1

Comissão organizadora

Barbara Marques

Álvaro Perini Canholi

Camila Gouvea Prates de Paiva

Layse Barnabé de Moraes

Lucas do Prado Freitas

Sobre o SEDA

O SEDA é o Seminário de Dissertações e Teses em Andamento, atividade regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que mestrandos e doutorandos exponham os trabalhos em andamento (*work in progress*), de forma que os outros alunos possam conhecer os trabalhos de seus colegas.

Texto de Abertura

POR BARBARA MARQUES

Alfredo Bosi, uma das milhares de vítimas da Covid-19, em abril de 2021, escreveu, em *O ser e o tempo da poesia* (1977), que "a poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie, caos, 'esta coleção de objetos de não amor' (Drummond). Resiste ao contínuo 'harmonioso' pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia". Talvez, essa utopia seja hoje, em meio a esse triste cenário pandêmico, o lugar das poéticas vazantes. O ato de vazar, explodir, derramar, tensionar as fronteiras é o caminho pelo qual as artes se mostram como campo de forças, de resistência a qualquer aprisionamento.



Diante desse momento histórico tão singular, associado a uma profunda crise política, social e cultural no Brasil, esta edição do SEDA 2021.1, para além de promover os debates em torno das pesquisas de mestrados e doutorandos do PPGL/UEL, dará espaço à criação artística por meio de "diálogos poéticos" com egressos/as do programa que compõem a cena cultural a partir da escrita literária, das performances do corpo e da palavra, do cinema e dos audiovisuais.

edição 2021.1

Diálogos poéticos com egressos

[link de acesso: meet.google.com/kxt-pxuu-hen](https://meet.google.com/kxt-pxuu-hen)



28 de julho | 18h às 18h40
**ESCRITAS LITERÁRIAS/
ESCRITAS POÉTICAS**

Camila Mossi
Layse Barnabé
Samantha Abreu



29 de julho | 18h às 18h40
**PERFORMANCES DO
CORPO E DA PALAVRA**

Álvaro Canholi
Marina Stuchi
Renato Forin



30 de julho | 18h às 18h40
**O ATO DE CRIAÇÃO NO
CINEMA E NOS
AUDIOVISUAIS**

Roberta Takamatsu
Rodrigo Grota

Programação das apresentações

Dia 28 de julho

Horário	Discente Título do trabalho	Orientador	Arguidor
19h00	Thamiris Yuri Silveira Pellizzari HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO ROMANCE DE 30	Luiz Carlos Santos Simon	Miguel Heitor Braga Vieira
19h20	Mateus Fernando de Oliveira O CAMINHO DA SENSIBILIDADE É O CAOS: UM ESTUDO LÍTERO-MUSICAL DA OBRA “SOBREVIVENDO NO INFERNO” (1997, 2018), DE RACIONAIS MC’s	Luiz Carlos Santos Simon	Miguel Heitor Braga Vieira
19h40	Layse Barnabé de Moraes A POÉTICA DA CURA NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA	Luiz Carlos Santos Simon	Miguel Heitor Braga Vieira
20h00	Sebastião Bonifácio Júnior MINIMALISMO E CONFIGURAÇÃO DA EFEMERIDADE EM <i>HUMANOS</i> , DE EDELSON NAGUES	Miguel Heitor Braga Vieira	Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello
20h20	Natália Cristina Martins de Sá AS FIGURAÇÕES DA PAISAGEM ESTABELECIDO A IDENTIDADE NA POESIA DE AUTORIA FEMININA	Miguel Heitor Braga Vieira	Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello
20h40	Desiree Bueno Tibúrcio A CONFIGURAÇÃO PATÊMICA DA AMBIÇÃO: DE SMÉAGOL A GOLLUM, AS TRANSFORMAÇÕES NA PERSONAGEM TOLKIENIANA	Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello	Luiz Carlos Santos Simon

Programação das apresentações

Dia 29 de julho

Horário	Discente Título do trabalho	Orientador	Arguidor
19h00	Amanda Maria Damasio Teixeira PROMIC E PROFICE: O IMPACTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA NOS CAMPOS DE PRODUÇÃO LITERÁRIA	Frederico Augusto Garcia Fernandes	Suely Leite
19h20	Ana Cristina Pereira da Silva SARAU E <i>PERFORMANCE</i> : REDES AFETIVAS E ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO	Frederico Augusto Garcia Fernandes	Suely Leite
19h40	Andreza Pereira Dias Ramos SÉRGIO VAZ: PALAVRA, GESTO E AFETO	Frederico Augusto Garcia Fernandes	Marta Dantas da Silva
20h00	Maria Aparecida de Barros A PERCEPÇÃO DO FEMININO EM NARRATIVAS ORAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE	Frederico Augusto Garcia Fernandes	Laura Taddei Brandini
20h20	Ana Carolina Ribeiro EXPERIÊNCIAS NA CONTRAMÃO: UMA POÉTICA DECOLONIAL NAS PERFORMANCES DE FLÁVIO DE CARVALHO	Marta Dantas da Silva	Frederico Augusto Garcia Fernandes
20h40	Alexandre Yoshiaki Sawaguchi ROLAND BARTHES E A COMIDA JAPONESA: O ENCONTRO DOS SENTIDOS DO TEXTO EM <i>O IMPÉRIO DOS SIGNOS</i> .	Laura Taddei Brandini	Marta Dantas da Silva
21h00	Natasha Fernanda Ferreira Rocha ATRASAR-SE PARA SI: BISSEXUALIDADE NA LITERATURA FEMININA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO	Suely Leite	Laura Taddei Brandini

Programação das apresentações

Dia 30 de julho

Horário	Discente Título do trabalho	Orientador	Arguidor
19h00	Alan Diogo Capelari A PAISAGEM COMO MEIO DE INTER-RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E ESPAÇO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE EM MANOEL DE BARROS	Regina Célia dos Santos Alves	Alamir Aquino Corrêa
19h20	Luísa Negrão de Souza A PAISAGEM NOS CONTOS MARAVILHOSOS DE MARINA COLASANTI	Regina Célia dos Santos Alves	Maria Carolina de Godoy
19h40	Miréia Aparecida Alves do Vale ECOS DA TRAGÉDIA SHAKESPEARIANA EM <i>NOITE NA TAVERNA</i> E <i>MACÁRIO</i> , DE ÁLVARES DE AZEVEDO	Alamir Aquino Corrêa	Telma Maciel da Silva
20h00	Eduardo Luiz Baccarin Costa A LITERATURA COMO FORMA DE LIBERDADE PARA AS VOZES APRISIONADAS NAS DITADURAS	Telma Maciel da Silva	Maria Carolina de Godoy
20h20	Daniela Rebeca Campos Atienzo OS DISCURSOS INCRUSTADOS NO CORPO CASOS: JUANA DE IBARBOUROU (URUGUAI, 1892-1979) E CAROLINA MARIA DE JESUS (BRASIL, 1914-1977)	Maria Carolina de Godoy	Regina Célia dos Santos Alves
20h40	Maria Julia Werneck de Oliveira DE ABDIAS À CENA NEGRA CONTEMPORÂNEA: SEMELHANÇAS E PECULIARIDADES DO TEATRO NEGRO DAS REGIÕES NORDESTE E SUL DO BRASIL	Maria Carolina de Godoy	Regina Célia dos Santos Alves
21h00	João Paulo Toledo de Carvalho TENDAS NÔMADES NOS TEMPOS DO RAP	Maria Carolina de Godoy	Alamir Aquino Corrêa

Sumário

HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO ROMANCE DE 30 Thamiris Yuri Silveira Pellizzari (Doutoranda)	10
O CAMINHO DA SENSIBILIDADE É O CAOS: UM ESTUDO LÍTERO- MUSICAL DA OBRA “SOBREVIVENDO NO INFERNO” (1997, 2018), DE RACIONAIS MC’s Mateus Fernando de Oliveira (Doutorando)	16
A POÉTICA DA CURA NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA Layse Barnabé de Moraes (Doutoranda)	22
MINIMALISMO E CONFIGURAÇÃO DA EFEMERIDADE EM <i>HUMANOS</i> , DE EDELSON NAGUES Sebastião Bonifácio Júnior (Doutorando)	26
AS FIGURAÇÕES DA PAISAGEM ESTABELECENDO A IDENTIDADE NA POESIA DE AUTORIA FEMININA Natália Cristina Martins de Sá (Doutoranda)	31
A CONFIGURAÇÃO PATÊMICA DA AMBIÇÃO: DE SMÉAGOL A GOLLUM, AS TRANSFORMAÇÕES NA PERSONAGEM TOLKIENIANA Desiree Bueno Tibúrcio (Doutoranda)	34
PROMIC E PROFICE: O IMPACTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA NOS CAMPOS DE PRODUÇÃO LITERÁRIA Amanda Maria Damasio Teixeira (Mestranda)	38

SARAU E *PERFORMANCE*: REDES AFETIVAS E ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

Ana Cristina Pereira da Silva (Mestranda) 43

SÉRGIO VAZ: PALAVRA, GESTO E AFETO

Andreza Pereira Dias Ramos (Mestranda) 48

A PERCEPÇÃO DO FEMININO EM NARRATIVAS ORAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE

Maria Aparecida de Barros (Doutoranda) 53

EXPERIÊNCIAS NA CONTRAMÃO: UMA POÉTICA DECOLONIAL NAS PERFORMANCES DE FLÁVIO DE CARVALHO

Ana Carolina Ribeiro (Doutoranda) 58

ROLAND BARTHES E A COMIDA JAPONESA: O ENCONTRO DOS SENTIDOS DO TEXTO EM *O IMPÉRIO DOS SIGNOS*.

Alexandre Yoshiaki Sawaguchi (Mestrando) 62

ATRASAR-SE PARA SI: BISSEXUALIDADE NA LITERATURA FEMININA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Natasha Fernanda Ferreira Rocha (Doutoranda) 67

A PAISAGEM COMO MEIO DE INTER-RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E ESPAÇO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE EM MANOEL DE BARROS

Alan Diogo Capelari (Mestrando) 70

A PAISAGEM NOS CONTOS MARAVILHOSOS DE MARINA COLASANTI

Luísa Negrão de Souza (Mestranda) 73

ECOS DA TRAGÉDIA SHAKESPEARIANA EM *NOITE NA TAVERNA E MACÁRIO*, DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Miréia A. Alves do Vale (Doutoranda) 76

A LITERATURA COMO FORMA DE LIBERDADE PARA AS VOZES APRISIONADAS NAS DITADURAS

Eduardo Luiz Baccarin Costa (Doutorando) 80

OS DISCURSOS INCRUSTADOS NO CORPO

CASOS: JUANA DE IBARBOUROU (URUGUAI, 1892-1979) E CAROLINA MARIA DE JESUS (BRASIL, 1914-1977)

Daniela Rebeca Campos Atienzo (Doutoranda) 84

DE ABDIAS À CENA NEGRA CONTEMPORÂNEA: SEMELHANÇAS E PECULIARIDADES DO TEATRO NEGRO DAS REGIÕES NORDESTE E SUL DO BRASIL

Maria Júlia Werneck de Oliveira (Doutoranda) 89

TENDAS NÔMADES NOS TEMPOS DO RAP

João Paulo Toledo de Carvalho (Doutorando) 94

HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO ROMANCE DE 30

Thamiris Yuri Silveira Pellizzari (Doutoranda)

Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)

5º semestre

Previsão de defesa: 2023/2

Arguição anterior: Maria Carolina de Godoy

O percurso que marca o desenvolvimento do meu trabalho e o interesse pela temática das masculinidades e da homossexualidade é oriundo de estudos que se iniciaram no período da graduação em Letras e foram aprofundados ao longo do mestrado. O que despontou a pesquisa para a construção da dissertação foi meu interesse pela pluralidade das masculinidades, mais especificamente pela segregação existente dentro da própria categoria das masculinidades, que subjugava e subordinava aqueles que mais se afastam de um ideal hegemônico inatingível. Pensando nessa categorização das masculinidades e na subordinação da homossexualidade masculina construí minha dissertação voltando o olhar para a homossexualidade masculina nos contos brasileiros da década de 1980. Um trabalho que envolveu todas as referências às homossexualidades em contos publicados ao longo da década prevista nesse recorte temporal. Deparei, portanto, com a escassez de abordagem dessa sexualidade, mesmo em uma década importante no que se refere às conquistas do movimento homo e ao reconhecimento da pluralidade das sexualidades. Intrigou-me também a maneira como a personagem homossexual masculina é retratada, quase sempre carregando o estigma do preconceito e da exclusão. Julgo pertinente traçar esse percurso tanto para salientar meu interesse pela temática quanto para justificar o caminho que trilho ao longo da jornada de doutoramento, compreendendo que esse percurso me serve como alicerce para a proposição de um trabalho de ainda maior fôlego envolvendo a construção de uma história da homossexualidade no romance de 30. Utilizo como cerne a obra de Luís Bueno, *Uma história do romance de 30*, compreendendo sua incomparável contribuição no que se refere à sistematização da produção romanesca de 30. A escolha desse recorte temporal envolve a consagração da década no que diz respeito à produção romanesca e, naturalmente, à vasta publicação de romances; os ares do modernismo que a década emanava tão intensamente, e que de certa forma pressupõem a ideia de “vida moderna”, abrem precedentes para colocar em pauta as sexualidades marginalizadas, isto é, caminha rumo a uma espécie de libertação de um tradicionalismo, que imperava até então, no âmbito das relações afetivas. E, por falar em marginalização, há que se considerar a representação das causas e dos indivíduos marginalizados: “A incorporação dos pobres pela ficção é um fenômeno bem visível nesse período. De elemento folclórico, distante do narrador até pela linguagem, como se vê na moda regionalista do início do século, o pobre, chamado agora de proletário, transforma-se em protagonista privilegiado nos romances de

30, cujos narradores procuram atravessar o abismo que separa o intelectual das camadas mais baixas da população, escrevendo uma língua mais próxima da fala. Junto com os “proletários”, outros marginalizados entrariam pela porta da frente na ficção brasileira: a criança nos contos de Marques Rebelo; o adolescente, em Octávio de Faria; o homossexual, em *Mundos Mortos* do próprio Octávio de Faria e no *Moleque Ricardo* [sic], de José Lins do Rego; o desequilibrado mental em Lúcio Cardoso e Cornélio Penna; a mulher, nos romances de Lúcia Miguel Pereira, Rachel de Queiroz, Cornélio Penna e Lúcio Cardoso”. (BUENO, 2015, p. 23). No entanto, embora a obra de Bueno dedique-se cuidadosamente à abordagem e sistematização dos romances publicados ao longo da década em questão, observamos que o enfoque dado aos “marginalizados”, como o próprio Bueno se refere, abarca muito pouco a homossexualidade, que fica quase de fora de suas reflexões, à exceção de um ou outro comentário ou menção a algum personagem ou obra. Essa ausência intrigou-me e suscitou inquietações que remeteram àquelas que surgiram no desenvolvimento da dissertação de mestrado, no entanto, dessa vez, voltando a reflexão à produção romanesca da década de 1930. Isto é, sendo essa década permeada pela intensa produção e publicação de romances, compreendendo que entre as características desses romances encontra-se a abordagem dos marginalizados e levando em consideração a atmosfera dos ideais modernistas culminando na representação de uma “vida moderna” na literatura, como se configura a representação das sexualidades nesse período? Mais especificamente, de que maneira e com que frequência está representada a homossexualidade nos romances de uma década de produção romanesca tão importante? Tomo esses questionamentos como gatilho para o desenvolvimento da pesquisa e pretendo desenvolver a tese tendo-os em mente. A exemplo de Bueno, compreendendo a importância de sua obra para o desenvolvimento dessa pesquisa, tenho realizado uma leitura extensiva dos romances publicados ao longo da década de 1930. Considerando a vasta publicação romanesca da década, para sistematizar as obras contempladas para leitura utilizo-me da bibliografia presente na obra de Bueno, em que consta o subitem “Romances brasileiros dos anos 30”. Ademais, acrescento algumas obras menos canônicas que não aparecem nessa lista e excluo algumas de muito difícil acesso, obtendo uma lista em que constam 75 títulos. Até o momento foram lidos 60 desses títulos e ainda serão lidos 15. Minha tese se assenta, portanto, no levantamento e análise da abordagem das homossexualidades masculinas, conceito que devemos considerar plural, compreendendo os vários modos de ser homem homossexual, a exemplo da pluralidade das masculinidades que, parafraseando Meyer e Louro (2005, p. 1036), se configuram como construções temporais, históricas e culturais que dependem das relações entre os vários modos de ser homem para se constituírem e para constituírem os próprios sujeitos que nelas se inscrevem. Também dependem das relações com a feminilidade para serem construídas, uma vez que o conceito de gênero aqui adotado tem um caráter profundamente relacional e interdependente. Portanto, o escopo maior dessa pesquisa se concentra sobre a representação da pluralidade das masculinidades, sendo o foco central a

representação das homossexualidades masculinas. Para sistematizar os romances em que surge a temática de interesse dessa pesquisa e elaborar o *corpus* do trabalho considero, sobretudo, duas observações: 1) a frequência da aparição da temática homossexual nos romances de 30; 2) a maneira como a temática é trabalhada nos romances que a contemplam. Tendo essas questões em mente é que proponho a divisão dos romances da década em categorias, que envolvem, grosso modo, a existência ou não da temática homo e a maneira como ocorrem as referências a ela. Ilustrando essa categorização, intenciono verificar se o assunto ganha destaque na obra, como em *Mundos mortos* (1937), de Otávio de Faria, ou em *Serafim Ponte Grande* (1933), de Oswald de Andrade; ou se sua aparição ocorre de forma secundária, como em *Doidinho* (1937), de José Lins do Rego, ou em *A mulher obscura* (1939), de Jorge de Lima. Para isso, um grupo será composto pelas obras em que não há qualquer referência à homossexualidade, não nos cabendo aprofundamentos acerca desses romances, visto que se afastam da temática de interesse da pesquisa; outro grupo será dedicado aos romances em que se observam meras referências às homossexualidades, no entanto sem grandes aprofundamentos e/ou importância à temática; outro elencará os romances em que a referência à temática ocorra de maneira secundária, ou em personagens secundárias; por fim, haverá um grupo composto pelos romances que abordam de maneira significativa as homossexualidades e/ou em que haja referência à homossexualidade de personagens principais. É, pois, sobre este último grupo que me concentro de maneira mais assídua, visto que é o mais profícuo para o desenvolvimento de reflexões acerca da temática em questão. Ademais, é deste último grupo também que retiro dois romances de dois autores sobre os quais pretendo desenvolver análises mais aprofundadas, sendo eles *O moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), de José Lins do Rego; *Mundos mortos* (1937) e *Os caminhos da vida* (1939), de Otávio de Faria. Ressalto, ainda, algumas reflexões que se farão presentes não somente nas análises desses quatro romances, que edificam o *corpus* da pesquisa, mas também sobre diversas obras em que houver conteúdo profícuo para a abordagem da temática das masculinidades e das homossexualidades: a percepção da construção das personagens masculinas heterossexuais em contraponto com as personagens homossexuais tanto entre romances quanto dentro de um mesmo romance, como a personagem Roberto Dutra, que lida com os enfrentamentos da própria homossexualidade, em contraponto com personagens que figuram a heterossexualidade compulsória, como João Graça, conforme o trecho a seguir evidencia: “— Papai me explicou: é uma questão de idade, de desenvolvimento. Quando se chega a um certo estado, não se pode mais impedir o que é inevitável: tem-se que procurar alguém de outro sexo”. (FARIA, 1937, p. 44). A pretensão, com isso, além de voltar-se à percepção da importância dada à abordagem de uma sexualidade marginalizada, é notar se há, na construção das personagens, um ideal de masculinidade baseado na sexualidade, e se, considerando a institucionalidade da heterossexualidade compulsória, as personagens masculinas heterossexuais ocupam um lugar de hegemonia e poder em relação às personagens masculinas homossexuais. Tendo

em vista que esse recorte temporal em que adentro abarca inúmeros estudos, saliento que pretendo desenvolver análises e reflexões para além de padrões repetitivos, já que meus interesses se voltam às especificidades das representações das sexualidades marginalizadas. Intenciono, com isso, reunir material suficiente que me possibilite sistematizar uma história da homossexualidade no romance de 30.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, O. *Serafim Ponte Grande* (1933). 8. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre L & PM Editores, 1987.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria H. Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Aspectos do romance brasileiro*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, [19-].
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos feministas, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade: 3. A virilidade está em crise? Séculos XX-XXI*; tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: São José, 1959.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.

FARIA, Otávio de. *Mundos mortos* (1937). Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1991.

FARIA, Otávio de. *Os caminhos da vida* (1939). 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1971.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: editora UNESP, 1999.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: Fontes sobre a Homossexualidade Masculina no Brasil (1870-1980)*. RJ, Editora José Olympio, 2006.

LIMA, Jorge de. *A mulher obscura* (1939). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.

MEYER, Dagmar E. *Gênero e Educação: Teoria e Política*. In: LOURO, Guacira L. et al. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação*. Petrópolis, Vozes, 2005. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: do realismo à belle époque*. São Paulo: Cultrix, 2016.

NEJAR, Luis Carlos Verzoni. *História da literatura brasileira: “eppur si muove!”*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PELLIZZARI, Thamiris Y. Silveira. *A homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980*. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

REGO, José Lins do. *Doidinho* (1933). 47^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. E-book.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo* (1935). 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

REGO, José Lins do. *Usina* (1936). 20^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. E-book.

SILVEIRA FILHO, Francisco M. *A Crise da Masculinidade Contemporânea*. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

O CAMINHO DA SENSIBILIDADE É O CAOS: UM ESTUDO LÍTERO-MUSICAL DA OBRA “SOBREVIVENDO NO INFERNO” (1997, 2018), DE RACIONAIS MC’S

Mateus Fernando de Oliveira (Doutorando)

Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)

6º semestre

Previsão de defesa: 2023/1

Arguição anterior: Maria Carolina de Godoy

O presente trabalho propõe a elaboração de uma tese em andamento sobre a obra “Sobrevivendo no Inferno” de Racionais Mc's, álbum lançado em 1997 e, em 2018, como livro, pela editora Companhia das Letras. Trata-se de um estudo lítero-musical, em que tem como recorte temático as masculinidades, a inovação ficcional da obra e a performance discursiva. Inicialmente, o trabalho está dividido em três capítulos: 1. Masculinidades e Estudos Literários; 2. Ficção e Sociedade; 3. Corpo-a-corpo com a vida: um estudo lítero-musical de “Sobrevivendo no Inferno”, de Racionais Mc's. Em “Corpo-a-corpo com a vida”, o célebre ensaio-manifesto de João Antônio (1975), o autor problematiza a configuração de uma escrita alinhada às realidades de um Brasil esquecido. Ainda que o alvo do ensaio seja a escrita jornalístico-literária, o texto de João Antônio nos permite suscitar um debate sobre questões que também se aplicam à obra clássica do grupo Racionais, principalmente ao tratar da carência de haver obras que possam retratar realidades brasileiras, “vistas de dentro para fora” (ANTÔNIO, 1975, p. 143), sendo justamente essa perspectiva oferecida em Sobrevivendo no Inferno. Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida, um dos mais influentes e reconhecidos rappers brasileiros, a título de divulgação do então, recém-lançado livro “Sobrevivendo no Inferno” (2018) trouxe a público uma leitura do clássico de Racionais Mc's, que, na perspectiva deste trabalho, remeteu diretamente à visão do escritor João Antônio no ensaio em questão, ao considerar que “Sobrevivendo no Inferno”, “quebra um histórico na forma de contar história, ele quebra essa fórmula, ele vem de maneira dura, numa guinada brusca para que o caminho se transforme em outro” (EMICIDA, 2018). Embora este não seja um estudo sobre o escritor João Antônio, é pertinente recordar o ponto de partida das problematizações em torno das masculinidades. Ao estudar a obra de João Antônio durante o mestrado, pude me dedicar a refletir sobre as dinâmicas e performances sociais das masculinidades periféricas/marginalizadas, de modo geral, homens pretos, pobres e favelados, que, por diversas vezes estão distantes do modelo idealizado de masculinidade hegemônica, pois, sem poder, dinheiro ou reconhecimento, são indivíduos deixados à margem. Após a defesa da dissertação “Desgraçados e Mal-amados: as masculinidades nos contos de João Antônio”, em 2017, pude compreender o primeiro resultado daquele percurso acadêmico, a pesquisa possibilitou evidenciar o luzir da obra de João Antônio acerca da

construção social da masculinidade hegemônica, bem como de outras questões relacionadas às masculinidades, tais como o paradigma da dificuldade masculina de expressar afetos, em dissonância à violência como linguagem espontânea. A comparação é justa inclusive, pois, a obra de João Antônio, apresentam-se as expressões masculinas das mais diversas, são homens marginalizados, sobreviventes de um sistema de exclusão, principalmente quando nos dirigimos ao contexto histórico-social da obra dos Racionais Mc's, afinal entre o final dos anos de 1980 e durante a década de 1990, a Zona Sul de São Paulo, ou até mesmo o bairro Capão Redondo, era considerada uma das regiões mais violentas do mundo. Emicida (2020) chama a atenção sobre a associação equivocada que se faz entre a violência e a masculinidade marginalizada, principalmente: “crescemos em bairros onde a menor troca de olhares pode iniciar uma violentíssima troca de socos, afinal de contas - o que é que você tá olhando? Quão destruída uma pessoa precisa estar para se sentir agredida por um par de olhos?” (EMICIDA, 2020, p 8). Questões como essa tem estado presente entre os estudos das representações das masculinidades na literatura, a crítica especializada tem se aprofundado no estudo das figurações masculinas na literatura na América Latina de modo geral, conforme: Murphy (1994), Cortés (2015) e Millington (2007), até mais especificamente nas produções de literatura brasileira a partir da segunda metade do séc. XX, tal como sugerem os estudos de Arruda (2017), Oliveira (2017), Bonomo (2017), Pellizzari (2018), Canassa (2018) Florencio (2019), teses e dissertações que são frutos do grupo de pesquisa: “Papéis masculinos: o enfoque das masculinidades no conto e na crônica a partir do fim do século XX”, projeto coordenado e concluído pelo Professor Dr. Luiz Carlos Santos Simon, no Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Estudos que abordam os gêneros textuais diversos, principalmente entre os gêneros contos e crônicas. A crítica especializada oferece perspectivas de leituras interessantes acerca das masculinidades enquanto problemáticas sociais vislumbradas na literatura, no entanto, entre a fortuna crítica do tema, Simon (2016) é quem propõe um norteamento aos estudos das masculinidades nas Letras brasileiras. Deste modo, entende-se que o percurso dos estudos de masculinidades na literatura até o presente momento têm desenvolvido operadores de leitura eficientes para a compreensão das questões sociais suscitadas pelos debates a partir de Connell (2005), todavia, espera-se que este trabalho possa contribuir ainda para o que de fato, “Sobrevivendo no Inferno” agora em livro, representa uma obra atualizada, a ficção que foi cantada por jovens de todo o Brasil, mas principalmente das periferias, ecoa até hoje e deixará à posteridade as lições que nortearam não apenas para os homens, como destaca a filósofa Djamilia Ribeiro (2018): “o fato deles refletirem criticamente sobre a realidade deles me forneceu muitos referenciais para eu pensar como mulher negra”. Sendo assim, por meio de pesquisa bibliográfica que contempla textos críticos, artigos e entrevistas, o presente trabalho se configura em três capítulos, sendo o primeiro: 1) “Masculinidades e Estudos Literários”, ao qual intenciona traçar um possível percurso dos estudos sobre masculinidades na literatura

brasileira a partir da segunda metade do século XX, verificando a recorrência do tema expresso de diferentes formas, seja por meio dos personagens, narrador, do discurso, do espaço ou até mesmo através da condução da narrativa, apresentando o tema entre os textos literários do final do século XX até o início do século XXI. O segundo capítulo, 2) “Ficção e Sociedade” traz considerações da crítica literária a respeito da ficção, da voz e da canção, buscando estabelecer uma relação entre os debates teóricos e o estudo das questões sociais na obra, 3) “Corpo-a-corpo com a vida: um estudo lítero-musical de “Sobrevivendo no Inferno”, de Racionais Mc’s”, intenciona desenvolver uma análise aprofundada da obra *Sobrevivendo no Inferno* (1997, 2018) considerando os aspectos sonoros e líricos da obra, enfocando na performance das masculinidades e do discurso como fio condutor de uma narrativa que pode atualizar os modos de criar ficção na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Renata Beloni de. *Crônica, ensino e masculinidades: articulações possíveis*. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (tese). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Escrever Ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

ATWOOD, Margaret. *Negociando com os mortos: a escritora escreve sobre seus escritos*. Rio de Janeiro: Rocco. 2004.

BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. BARBOUR, Rosaline S.; TONETTO, Leandro Miletto (Rev.). *Grupos focais*. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: EDUEM, 2009.

BONOMO, Letícia Ueno. *As crônicas de Eliane Brum e as masculinidades da na vida (extra)ordinária*. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (dissertação).

Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria H. Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1989.

CANASSA, Lucélia. *Pais e filhos em contos de Luiz Vilela: as representações das masculinidades*. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CORTÉS, Jason. *Macho ethics: masculinity and self representation in Latino-Caribbean narrative*. United States of America: Bucknell University Press, 2015.

COSTA, Rosely G. *Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades*. In: ALMEIDA, H. B. D. et al. (Ed.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2002.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo (Co-dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói, Editora da UFF, 1986. v. 6.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.

EMICIDA, Leandro Roque de Oliveira. In: *Seja homem*. BOLA, J.J. Trad. Rafael Spuldar, Porto Alegre: Editora Dublinense, 2019.

EMICIDA, *Sobrevivendo no Inferno, por Emicida*. Racionais TV, em 26 de junho de 2018, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=my1Wxm4p6DY&ab_channel=RacionaisTV Acesso em 05 de jul de 2021.

FLORENCIO, Fabricia Cristina. *Outras maneiras de “ser homem”*: as masculinidades nas crônicas de Antônio Prata. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon

(dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LEVY, Tatiana Salém. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIMA, Ricardo Augusto de. Autoficção e experiência em *O pai da menina morta*, de Tiago Ferro. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* Brasília, n. 57, e5720, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182019000200312&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 June 2020. Epub June 27, 2019. <https://doi.org/10.1590/2316-40185710>.

LODGE, David. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM. 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea*. In: SCHPUN, Mônica Raisal (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MILLINGTON, Mark. *Hombres in/visibles: la representación de la masculinidad en la ficción latino-americana, 1920-1980*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2007.

MURPHY, Peter Francis. *Fictions of masculinity: crossing cultures, crossing sexualities*. New York and London: New York University Press, 1994.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, M. F. O lixo da vida e a poética da virilidade: a construção social da masculinidade hegemônica na obra de João Antônio. *Itinerários*, Araraquara, n. 48, p. 203-218, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, Mateus Fernando de. *Desgraçados e mal-amados: as masculinidades em contos de João Antônio*. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

PETRACA, Ricardo. *Música e alteridade: uma abordagem bakhtiniana*. Appris Editora: Curitiba/PR, 2018.

PELLIZZARI, Thamiris Y. Silveira. *A homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980*. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

POE, Edgar Allan. *A filosofia da composição*. In: *Poemas e Ensaios*. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999, 3ª ed. revista.

PROSE, Francine. *Para ler como um escritor*. Rio: de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RAMOS, Marcelo Silva. *Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade*. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIBEIRO, DJAMILA. *Sobrevivendo no Inferno, por Djamila Ribeiro*. Racionais TV, em 26 de junho de 2018, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=my1Wxm4p6DY&ab_channel=RacionaisTV
Acesso em 05 de jul de 2021.

SANTIAGO, Silviano. *Arte masculina?*. In: NOLASCO, Sócrates (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SIMON, Luiz C. S. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. *Revista Estação Literária*. ISSN 1983-1048. Londrina, Volume 16, p. 8 – 28, jun 2016.

A POÉTICA DA CURA NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA

Layse Barnabé de Moraes (Doutoranda)

Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)

7º semestre

Previsão de defesa: 2022/1

Arguições anteriores: Maria Carolina de Godoy e Marta Dantas da Silva

Mulher, escrita e cura. Tendo como bússola essas três palavras, chego à minha tese em andamento, que parte da ideia de que a poesia de autoria feminina tem sido usada na contemporaneidade como uma ferramenta de cura. Cura, essa palavra que causa estranhamento e curiosidade e que leva as pessoas a se perguntarem: “Mas curar-se do quê?” ou “Trata-se de uma espécie de autoajuda literária?”. Já deixo claro que não. É de literatura que falo. Então o que ela tem a ver com cura? A cura está longe de ser uma questão exclusivamente contemporânea ou puramente temática; há uma imbricação profunda entre a cura e o fazer literário. Já em *Fedro*, Platão, como destaca Derrida (2005), reflete sobre a origem da escrita, aproximando-a da ideia de *phármakon*. Assim, os escritos são vistos como potência e ambivalência: remédio, veneno, virtude, fascinação, feitiço - benéfico e maléfico ao mesmo tempo. Compagnon (2009) também disserta sobre o poder da literatura e a caracteriza como remédio, instrumento de justiça e de tolerância, além de dar autonomia e contribuir para a liberdade. E não estão sozinhos: muitos outros pensadores e pensadoras, sob os quais me debruçarei na tese, também o fazem... Aqui, a cura tem um sentido poético, alinhado à criação literária, bebendo da etimologia da palavra, que diz sobre cuidado de si e do outro, interesse, responsabilidade, tocando diretamente na questão de transformação do indivíduo. Curar-se é sobre chamar para si uma voz outra, que nem sempre fora permitida - e ter voz, nesse caso, é falar por meio da escrita e, mais especificamente, por meio da poesia. Começo minha tese-ensaio como quem entra num rio. Desse modo, o prólogo é a nascente, a introdução, o mapa de navegação. O que se segue é fluxo, tem margens, mas se permite errâncias e atalhos. Dessa forma, minha tese é uma busca, uma escavação; não pretende fundar verdades fixas, mas fluir numa espécie de travessia afetiva pelas palavras de diversas escritoras contemporâneas, majoritariamente poetisas e brasileiras; não pretende se esgotar e não se furta de se perder em caminhos que nem sempre vão dar em algum lugar. Costurando texto literário com teoria e crítica, minha pesquisa tem como guia principal a crítica literária feminista, a psicanálise e a filosofia, a fim de que se possa passear pela obra das poetisas e escritoras contemporâneas à luz dessas visões. Entre minhas principais referências, destacam-se nomes como Virginia Woolf, Audre Lorde, Adrienne Rich, Bell Hooks, Gloria Anzaldúa, Julia Kristeva, Jacques Lacan, além de Alain Badiou e filósofos clássicos, como Platão e Aristóteles. O objetivo é desenhar um panorama poético

fluido que demonstre de que modo a poesia de autoria feminina tem sido usada na contemporaneidade como uma ferramenta de cura e como essa questão é trabalhada na linguagem literária. A partir das primeiras pistas, o que vi foi bem claro: um movimento em ebulição na poesia contemporânea de autoria feminina. Nesse momento, escritoras vêm tomando a frente e o centro, não se contentando com as beiradas; vêm demandando voz e ocupando espaços. Mais do que defender uma tese a partir da análise de um grupo de autoras escolhidas, meu trabalho é, acima de tudo, pensar sobre a palavra – na boca das mulheres – e a sua potência. Trata-se de traçar um percurso mais livre, menos engessado, de: 1- como a palavra e a cura estão interligadas; 2- como essas duas coisas se relacionam com a autoria feminina; 3- como tudo isso desagua com força na poesia contemporânea. Chamarei essas escritoras conforme a tese seguir o seu curso, fazendo dos textos literários a nascente das reflexões críticas. É preciso destacar que aqui há em jogo duas questões de gênero: mulher e poesia. A escolha por focalizar o gênero lírico está longe de ser arbitrária. Primeiro: veio pela própria percepção de que é em verso que esse movimento de mulheres contemporâneas majoritariamente acontece. Segundo: Audre Lorde (2020, p. 48), em seu texto “Idade, raça, classe e sexo”, de *Irmã outsider*, destaca que a poesia tem sido a principal voz dos pobres, da classe trabalhadora e das mulheres de cor: “os patriarcas nos disseram: ‘penso, logo existo’. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: ‘sinto, logo posso ser livre’. A poesia cria linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade”. A seleção das poetisas e escritoras se deu por pesquisa online e bibliográfica e seguiu três principais critérios: autoria feminina; publicação em livro no Brasil, principalmente a partir de 2010; poesia. Grande parte das autoras contemporâneas presentes no meu corpus tem fortuna crítica ainda escassa ou inexistente. São algumas delas: Ryane Leão, Anne Checoli, Nádia Camuça e Mar Becker. É importante ressaltar que, apesar de se focar na poesia contemporânea, este trabalho se dá a liberdade de costurar essa produção com textos e escritoras que vieram antes, como Sylvia Plath e Ana Cristina Cesar, e também com obras de outros gêneros literários, como os romances *Eu sei por que o pássaro ainda canta na gaiola*, de Maya Angelou, e o recente *Meu corpo ainda quente*, da brasileira Sheyla Smanioto, a fim de aprofundar a reflexão. Para além da pesquisa bibliográfica, desde o início essa tese me pediu ação. Não como acessório, mas como parte fundamental do processo de tentar compreender escrita e cura fora da bolha teórico-crítico-reflexiva-especializada, haverá na tese o relato e os desdobramentos de um ciclo de oficina de criação literária para mulheres ministrada por mim. Antes da pandemia em decorrência da covid-19, essas oficinas seriam realizadas presencialmente em dois espaços, a Cadeia Pública Feminina e o Centro de Acolhimento às Mulheres Vítimas de Violência (CAM). Infelizmente esses encontros foram inviabilizados pelo agravamento da crise sanitária e substituídos então pela forma online, não vinculados a nenhuma instituição específica. O objetivo da oficina foi vazar a experiência acadêmica a espaços não especializados e ouvir mulheres e suas histórias, vivendo na prática o que Audre

Lorde nos ensina em “A poesia não é um luxo”. Isso dito, o curso de minha tese se dará da seguinte forma: No primeiro capítulo, me debruço sobre a poética da cura, a interface da escrita e cura sob várias visões, de Platão a Bell Hooks, de Walter Benjamin a Toni Morrison, costurando sempre com textos literários que tocam nesse tema e constroem a linguagem a partir disso. No segundo capítulo, falarei sobre as mulheres e a escrita, abordarei o caso das poetisas suicidas e como isso implica ou não a questão da potência da cura; falarei sobre a influência da poeta brasileira Ana Cristina Cesar para a geração contemporânea, o movimento em ebulição no contemporâneo, a comparação entre os 26 poetas hoje x 29 poetas hoje, tudo isso costurado com poemas que tocam na questão de autoria feminina; ou seja: falam a partir de uma voz de mulher, o que é atravessada por diversas experiências, positivas e negativas. É nesse capítulo que me aprofundo mais sobre o que chamo de *mulheres falando juntas*, o caso das escritoras contemporâneas. Do eu, emerge o nós. São (somos) uma legião. Sem me limitar a apenas uma ou duas escritoras, vou passear pela produção contemporânea: ir para onde as poetisas me levarem. No terceiro capítulo, falo do gênero lírico como transbordamento possível, ou seja, das especificidades do poema. Há uma particularidade do gênero lírico que fortalece minha tese pois: 1- é típico desse gênero esse movimento que parte do eu e alcança um coletivo; 2- a forma breve faz com que a recepção desses poemas seja mais imediata e alcance mais gente; 3- por ser um gênero intimamente ligado à subjetividade e muito aberto a licenças poéticas, é um prato cheio para abraçar linguagens variadas, inclusive fora da norma culta. Esse capítulo será entremeado com poemas sobre o fazer literário. No quarto capítulo, falo sobre a minha oficina de escrita para mulheres, incluindo uma seleção de poemas das participantes das oficinas, assim como reflexões sobre eles. Nessa parte, também incluo notas e um diário de como foi a experiência com as oficinas literárias. No quinto capítulo, desenvolvo o conceito de escrita afetiva, que pensa a produção literária como processo elaborativo contínuo e tem como norte a capacidade de se afetar e de se deixar atravessar pelas coisas, que é onde, acredito, a poética da cura desagua. Aqui, também falo sobre escuta e encorajamento e faço um compilado de abordagens colocadas em prática nas oficinas. Também trago propostas de escrita que possam ser usadas por professores e professoras em oficinas de criação literária. No sexto e último capítulo, falo dos meus próprios silêncios e da dificuldade em me dizer escritora, e outros afetos que me cruzam e que, de algum modo, me trouxeram até aqui; faço então uma seleção de poemas meus que dialogam com os assuntos abordados na tese. Por último, naquilo que se quer conclusão, me reservo o direito de continuar em aberto, dou o nome de travessia.

BIBLIOGRAFIA

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MINIMALISMO E CONFIGURAÇÃO DA EFEMERIDADE EM *HUMANOS*, DE EDELSON NAGUES

Sebastião Bonifácio Júnior (Doutorando)

Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

3º semestre

Previsão de defesa: 2023/2

Este trabalho traz uma proposta de pesquisa que pretende analisar a obra *Humanos* (2012), do escritor contemporâneo Edelson Nagues, sob o viés do minimalismo, procurando elencar tal teoria às narrativas breves – contos e minicontos – presentes na coletânea supradita, a fim de compreender as imbricações construídas entre a estética minimalista e a temática da efemeridade concernente aos textos do *corpus*. Devido a isso, apresentamos a pergunta-chave que ancora todo o nosso trabalho: como se dá a convergência entre o minimalismo e a temática da efemeridade nos contos analisados de Edelson Nagues? Nutrimos a hipótese de que essa ligação ocorra devido ao próprio escopo minimalista, cuja estrutura se baseia na economia de recursos, por meio do laconismo da expressão artística, valorizando apenas o estritamente necessário, afinal, para os profissionais que se guiam por essa ótica, vale a máxima de que: menos é mais. Para elaborarmos a tese, contaremos com os pressupostos teóricos de Batchelor (2011), que enumera uma série de características encontradas em várias obras criadas por meio do trato minimalista: a repetição; a regularidade; a ausência de ornamentos; o teor abstrato; a literalidade; o equilíbrio assimétrico; o descentramento; a desumanização; a impessoalidade; o aspecto conciso; a variabilidade da perspectiva; a descorporificação; a coexistência de estados contrários; a autonomia; a síntese; a participação ativa do espectador ao construir sentidos; o tom agressivo; a junção de partes; o hibridismo. Apesar de o teórico voltar seu campo de visão para o terreno das artes plásticas, é possível utilizar várias dessas premissas enumeradas para analisarmos, também, os textos literários elencados em nosso *corpus*, haja vista que o minimalismo, segundo Barth (2010, p. 45), é o princípio subjacente ao fenômeno mais notório da cena literária atual: o novo florescimento da narrativa breve. Inclusive, trabalharemos com a hipótese de que tanto o conto, quanto o miniconto, estabelecem relação dialógica com o minimalismo, e o fruto de tal conexão pode ser conciliado ao tema da efemeridade no contexto pós-moderno. Ao encontro disso está a pesquisa de Francisca Nogueiro, atestada no artigo “*Micro-relato y posmodernidad: Textos nuevos para un final de milênio*” (1996), responsável por elencar seis características que são compartilhadas pelo período denominado pós-modernidade e pelo gênero miniconto, sendo este o representante da nova narrativa breve sobre o qual Barth se refere em seus estudos sobre o assunto. O primeiro tópico abordado por Nogueiro (1996, n.p.) é o ceticismo radical, que representa a incredulidade humana em relação às utopias e o combate às verdades absolutas por meio do

paradoxo e do princípio de contradição. A seguir, a autora coloca como segundo traço os textos *ex-céntricos*, ou seja, os que privilegiam as margens ao invés dos centros canônicos da modernidade. Tais objetos literários procuram explorar o experimentalismo com temas, personagens, registros linguísticos e formas literárias inovadoras. Na sequência, é discutido sobre a quebra do conceito de unidade, sendo esta a responsável pela fragmentação que vai de encontro às obras extensas ao valorizar a brevidade, além de promover o desaparecimento do sujeito tradicional e favorecer a criação de frinças narrativas. Existem, também, as chamadas obras “abertas” (NOGUEROL, 1996, n.p.), caracterizadas por oferecerem uma multiplicidade de interpretações e se apropriarem de recursos alegóricos que exigem a participação ativa do leitor; nesse âmbito, o final inusitado das narrativas é bem recorrente. Há, ainda, o apego à intertextualidade a fim de recuperar a tradição literária, unindo a pura e simples homenagem ao passado (pastiche) à revisão satírica do cânone (paródia) – funcionam, sobretudo, para retratar um mundo sem autoridades, nem estruturas. Por fim, a ironia e o humor se manifestam como atitudes distanciadoras, adequadas não só para satirizar a tradição, mas também para neutralizar a estética da intensidade com o fim de refletir sobre as inseguranças de nossa época por intermédio do rompimento com a onisciência. Como objetivo geral, apresentamos o intuito de pesquisar o funcionamento da construção minimalista nos contos e minicontos da coletânea *Humanos*, de Edelson Nagues, verificando em que ponto a estética minimalista entra em convergência com a temática da efemeridade, sendo esta subjacente a todas as narrativas analisadas. Em tal âmbito, existe a crença hipotética de que o minimalismo seja um dos terrenos mais propícios para a abordagem da fugacidade, afinal a própria concisão narrativa parece contribuir para os efeitos semânticos proporcionados pelas obras estudadas. Já na categoria dos objetivos específicos, pretendemos: a) detectar as diferentes maneiras através das quais a configuração do efêmero serve de base para os textos literários analisados. Há a hipótese de que seja por meio da focalização de elementos diversos que, de uma forma ou de outra, no período denominado pós-modernidade, interligam-se ao minimalismo. São eles: o eu, as temporalidades, as relações interpessoais, a existência humana, as expectativas criadas em torno de algum desejo, as alianças, o poder, a certeza e a totalidade; b) considerar o período histórico em que se inserem os contos pesquisados – não apenas com base na data de publicação da coletânea, mas também no que tange ao tempo ficcionalizado pelas representações literárias – com o intuito de notar a verossimilhança entre literatura e sociedade no que diz respeito ao efêmero. Hipoteticamente, vemos a pós-modernidade, cuja liquidez se faz inata, como um lugar ideal para as representações artísticas daquilo que é transitório, momentâneo, temporário, fugaz e, sobretudo, minimalista; c) Dissertar sobre os gêneros conto e miniconto, intercalando a característica da concisão, inerente a tais escopos, ao ideal de enxugamento que é bastante caro à arte minimalista. Com isso, faz-se pertinente pensarmos na hipótese de esses gêneros deterem a potencialidade necessária para o exercício da escrita minimalista, que, em se tratando de nosso *corpus*, dialoga com o tema da

efemeridade. Tomando como base o que foi exposto ao longo do resumo, a nossa intenção é de que o presente trabalho, ao tomar o corpo de uma tese de doutorado, divida-se em três capítulos. No primeiro, de nome “Perspectivas sobre o minimalismo”, objetivamos abordar as origens do minimalismo nas artes, ressaltando os principais nomes ligados ao movimento, bem como existe o intuito de apontar os pontos de vista os quais, em geral, são abrangentes a respeito do que representa a ideologia minimalista. Falaremos, também, sobre as características principais dessa manifestação artística em busca de vinculá-la à literatura contemporânea, de modo a demonstrar as várias maneiras de a ficção ser minimalista. Para tal, utilizaremos textos específicos da área mencionada a fim de nos auxiliar, posteriormente, nas análises a serem realizadas. Até o momento, cogitamos o uso do livro *Minimalismo*, de David Batchelor, da obra *Arte Minimalista*, de Daniel Marzona, e do artigo “*Unas pocas palabras sobre el minimalismo*”, de John Barth, sendo que os instrumentos teóricos e críticos poderão ser ampliados para darmos conta da realização da pesquisa. Ademais, nesse segmento, utilizaremos as reflexões de *Seis propostas para o próximo milênio*, de Ítalo Calvino, sobretudo os capítulos “Rapidez” e “Exatidão”, pois entendemos tais valores como imprescindíveis para o advento do minimalismo. Já no segundo capítulo, denominado “O gênero conto no terreno do minimalismo”, serão abordadas especificidades que nos permitam comparar a construção literária do conto à estética minimalista. Tendo em vista isso, é de suma importância a abordagem do livro *Valise de cronópio*, do escritor literário e teórico Julio Cortázar, principalmente, dos capítulos “Alguns aspectos do conto” e “Do conto breve e seus arredores”, e das teorias contidas em *Teoria do conto*, da professora e pesquisadora, Nádia Batella Gotlib, com o propósito de elencarmos os detalhamentos caracterizados por fazerem do gênero textual em questão um solo fértil para o exercício minimalista. Além do mais, é nesta parte que serão analisados alguns dos textos do nosso corpus: “O sócia”; “Dois no rio”; “A alma do blues”; “A fotografia”; “Lírios, muros e animais”; “Cinzas do silêncio”; “O ventríloquo”; “A caçada” e “Inter vivos”. Para que a análise seja detalhada, o nosso intento é que cada conto receba a devida atenção em subcapítulos distintos e, ao final, tencionamos efetuar comparações entre eles. No terceiro e último capítulo, intitulado “O gênero miniconto como uma realização minimalista”, utilizamos algumas teorias que são abordadas nos textos “*Micro-relato y posmodernidad: Textos nuevos para um final de milênio*”, de Francisca Noguero, “Origens do miniconto brasileiro contemporâneo”, de Miguel Heitor Braga Vieira, e “Presença do miniconto na literatura brasileira”, de Marcelo Spalding, a fim de elucidar determinados pontos relacionados ao imbricamento entre o miniconto e o período tido como pós-modernidade e, ainda, para compreendermos o nascimento do gênero em nosso país e sua perpetuação nos tempos contemporâneos. Nesse bloco, haverá a análise dos minicontos “Ao vivo”, “Noites de chuva”, “Névoa”, “Os comedores de batatas”, “A voz dos autos”, “Como se não” e “Zuleika”. Aqui, também planejamos dividir as análises das produções literárias

em subcapítulos para que, na conclusão, sejam detectadas as semelhanças entre todos.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BARTH, John. Unas pocas palabras sobre el minimalismo. In. ROAS, David (Org.). *Poéticas del microrrelato*. Madrid: Arco/Libros, S. L. 2010, p. 45-55.

BATCHELOR, David. *Minimalismo*. Tradução: Célia Euvaldo. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Tradução: João Alexandre Barbosa e Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. *Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea*. Olho d'água, São José do Rio Preto, v. 2, n. 2, p. 42 - 55, 2012.

FERREIRA, Anderson. A pós-modernidade e a leitura de obras literárias. *Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato*, n. 53, p. 567 - 587, 2016.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura narrativa. In. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1979.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

MARZONA, Daniel. *Minimal Art*. São Paulo: Tachen, 2005.

NAGUES, Edelson. *Humanos*. São Paulo: Scortecci, 2012.

NOGUEROL, Francisca Jiménez. Micro-relato y posmodernidad: textos nuevos para un final de milenio, *Revista Interamericana de Bibliografía*, XLVI, 1-4, 1996, p. 49-66.

Disponível em
<https://www.researchgate.net/publication/39581203_Micro-relato_

y_posmodernidad_textos_nuevos_para_un_final_de_milenio>. Acesso em 03 jul. 2021.

SPALDING, Marcelo. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Literaturas brasileira, portuguesa e luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13816>>. Acesso em 03 jul. 2021.

VIEIRA, Miguel Heitor Braga. Origens do miniconto brasileiro contemporâneo. In: *Revista Língua & Literatura*, vol. 17, p. 66-80, 2015. Disponível em <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/1696>>. Acesso em 03 jul. 2021.

AS FIGURAÇÕES DA PAISAGEM ESTABELEECENDO A IDENTIDADE NA POESIA DE AUTORIA FEMININA

Natália Cristina Martins de Sá (Doutoranda)

Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

3º semestre

Previsão de defesa: 2024/1

O trabalho *As figurações da paisagem estabelecendo a identidade na poesia de autoria feminina* pretende analisar como as diferentes representações da paisagem em *Meu Livro de Cordéis*, de Cora Coralina e em *Coral e outros poemas*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, constroem a identidade feminina. O *corpus* ainda será ampliado, com a possibilidade de incluir poemas de Nina Rizzi, Henriqueta Lisboa e de outras poetisas. O estudo da paisagem terá como base as considerações de Anne Cauquelin, Augustin Berque, Michel Collot, Merleau-Ponty e outros estudiosos da paisagem. De acordo com Augustin Berque, a paisagem “existe, em primeiro lugar, em sua *relação* com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de certa lógica” (BERQUE, 2012, p. 239, grifos do autor). Dessa maneira, a análise da paisagem nos poemas se dá na busca pela compreensão dessa lógica e na leitura da sociedade pela perspectiva cultural. Contribuindo para a compreensão do sujeito consigo mesmo e com a sociedade em que está inserido, a paisagem, segundo Michel Collot, “apresenta-se, assim, como unidade perceptiva e estética, mas também como unidade aberta de *sentido*” (COLLOT, 2013, p. 214, grifos do autor). Sendo a paisagem uma unidade de sentido, ela pode significar, mais do que questões literárias, questões da vida e da relação do sujeito com o mundo. As questões literárias são, nessa perspectiva, elementos para elaboração desta relação, propícias à reflexão e ao desenvolvimento de, mais do que uma leitura de textos, uma leitura de mundo. A paisagem então, vista em sua relação com o sujeito e com a sociedade em um todo, é na Literatura mais um aspecto ligado a todos os outros aspectos que geram sentido, possibilidades, imagens – em suma, que promovem a Literatura de fato. Não permite encaixar-se apenas como pano de fundo, mas se faz um aspecto relevante; não figura como cenário, mas “protagoniza” a construção literária junto de outras características. A paisagem assume um contorno importante nas representações literárias: passa a ter papel relevante para, além de lugar, representar acontecimentos; passa a dar sentido a ironias e metáforas; passa a construir o texto ativamente, e assim representa também sentimentos e sensações, cedendo, no espaço da paisagem, o espaço à subjetividade particular à Literatura. Os poemas de autoria feminina, ao popularizarem-se, precisaram ocupar lugares sabidamente masculinos. Precisaram abrir espaços e reclamá-los, deixando claro que, além de tratarem de questões humanas no geral, assim como os poemas de autoria masculina, tratavam também de questões tipicamente femininas, que os homens não chegam a

conhecer – e, principalmente, jamais chegam a vivenciar. Por vezes, a poesia escrita por mulheres mostra os duros caminhos que tiveram que ser abertos para que a mulher enfim conquistasse algum espaço nesse ofício tipicamente masculino (em um mundo tipicamente masculino) e para fixar suas palavras e sua vivência em meio à hostilidade. De acordo com Bourdieu, enquanto os homens trabalham em espaço públicos, “as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos” (BOURDIEU, 2012, p. 114). A relação das mulheres com estes espaços ocupados denota relações de poder, de luta e da construção de identidade individual e coletiva, e também são trazidas na poesia ao revelar os espaços habitados pela mulher. Além disso, a literatura que dá voz a mulheres para falar sobre si e sobre outras mulheres pela perspectiva feminina também é, por si só, a ocupação de um espaço que até então negava a presença feminina. De acordo com Zilda Freitas: “A literatura não é para as mulheres uma simples transgressão das leis que lhes proibiam ao acesso à criação artística. Foi muito mais do que isso, um território liberado, clandestino” (FREITAS, 2002, p. 119). Esse território ocupado por mulheres passou a receber representações de diferentes visões de mundo. Se para Sophia de Mello Breyner a água, cheia de força e amplitude, representada pelo mar, traz a ideia de liberdade em poemas como “Mar sonoro”; em Cora Coralina, é representada pelo rio em poemas como “Vida das Lavadeiras”, revelando-se incomparavelmente menor e trazendo a ideia de prisão, de um destino ao qual a mulher está fadada. Para ambas as poetisas, a relação da mulher com a água é visceral, mas os contornos que essa relação assume dependem do contexto em que a mulher estava inserida e do que a água poderia representar para ela: contemplação, refúgio, necessidade, sustento. A água expressa respectivamente solitude e solidão nos poemas ao permitir que a mulher encontre descanso ou trabalho, acolhimento ou opressão, beleza ou horror. A identidade feminina é construída de modo diferente em cada um dos poemas a partir da relação com a paisagem, com o espaço que a mulher pode ocupar e a maneira como é capaz de vê-lo. Para Antonio Candido, cada sociedade “[...] cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles” (CANDIDO, 2004, p. 175). Dessa maneira, ao analisar criações poéticas, o trabalho pretende considerar os impulsos, as crenças, os sentimentos e as normas das mulheres que são representadas na poesia, verificando os pontos de convergência e divergência entre culturas e representações da paisagem, a maneira como a paisagem se revela e revela as pessoas. E assim, ao retratar paisagens, retrata, sobretudo, mulheres. A partir da subjetividade demonstrada pelas figurações (combinadas a outros elementos), é construída uma poesia que trata de mulher, de lugar de fala, de poder e da própria poesia, porque estudá-la é mais do que estudar um aspecto literário entre diversos: é estudar sua imbricação com os diversos aspectos literários, e como todos eles, singular e coletivamente, constroem e significam o texto literário, permitem uma amplitude de leituras e constroem o espaço

feminino em um mundo que lhe é hostil. Portanto, levando em conta as novas perspectivas e horizontes assumidos pelos estudos interdisciplinares, o trabalho visa a análise da paisagem na obra dessas poetisas como espaço de manifestação de subjetividade, de modo a gerar interpretações e sentidos. Assim, pretende-se agregar novas visões e horizontes à análise das obras, além de comprovar a hipótese de que a paisagem realiza nestas obras um movimento que dá voz às mulheres e permite sua construção de identidade.

BIBLIOGRAFIA

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Coral e outros poemas*. Ed. de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In: ALVES, Ida et al. *Literatura e paisagem*. Rio de Janeiro: EUFF, 2013.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 1 ed. Digital. São Paulo: Global, 2012.

FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. Silvia Lucia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento (org). In: *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: Neim/Ufba, 2002, p. 115- 123.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins, 1999.

A CONFIGURAÇÃO PATÊMICA DA AMBIÇÃO: DE SMÉAGOL A GOLLUM, AS TRANSFORMAÇÕES NA PERSONAGEM TOLKIENIANA

Desiree Bueno Tibúrcio (Doutoranda)

Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello (Orientador)

5º semestre

Previsão de defesa: 2022/1

Arguição anterior: Angela Lamas Rodrigues

Com essa pesquisa, objetivamos, primeiramente, analisar a configuração patêmica da ambição em Sméagol, personagem de *O Senhor dos Anéis* (1954), de J. R. R. Tolkien. Segundo Fiorin (2000, p. 175-177), a Semiótica greimasiana preocupa-se com os estados de alma do sujeito, as “paixões de papel” ou, o estudo das emoções humanas. De acordo com Barros (1999, p. 60), é necessário analisar os programas e os percursos narrativos do texto e as relações actanciais, pois, como afirma Fiorin (2000, p. 172), a Semiótica francesa é gerativa: leva em consideração o “processo de enriquecimento semântico”, o percurso gerativo vai do “mais simples e abstrato” até o mais “complexo e concreto”. As paixões são constituídas por meio de arranjos de elementos linguísticos, compreendidas, semioticamente, “como um efeito de sentido de qualificações modais, que, na narrativa, modificam a relação do sujeito com os valores” (BARROS, 2005, p. 84). Assim, a fim de compreender os efeitos de sentido que constituem a ambição, *O Senhor dos Anéis* foi escolhido como objeto de pesquisa. A obra integra o *legendarium* tolkieniano, um projeto literário sobre o universo mítico de Eä. Essa delimitação não é arbitrária e justifica-se na medida em que a ambição é tema predominante na obra. A saga do Anel traz em seu cerne uma narrativa épica sobre a corrupção do ser dominado pela ambição: sua trama gira em torno de uma guerra por poder, que aqui vem representado por meio do Anel de Sauron. O mal no *legendarium* surge com Melkor ou Morgoth como é chamado na Terra Média. A personagem é considerada uma espécie de Lúcifer tolkieniano, que se rebela ao ambicionar superar seu criador, Ilúvatar. Com a prisão de Morgoth, seu servo Sauron o substitui e intenta dominar a Terra Média. Para tanto, a personagem ludibria elfos e homens, dissimulando arrependimento por ter servido a Morgoth e concebe, em segredo, o Anel do Poder. O objeto serviria para governar todos os outros anéis mágicos, que estariam vinculados ao Anel Dominante, mas os elfos percebem suas intenções e iniciam uma guerra. Sauron foi derrotado, o Anel, perdido e, posteriormente, encontrado por Sméagol, que é dominado pelo poder corruptor do objeto tão logo o vê. O Um Anel tem o poder de corromper seu portador, exercendo maior influência naqueles mais propensos ao mal, pois o “Anel Soberano confere poder ao seu portador, mas um poder que está sempre de acordo com a estatura psicológica do ser que o usa” (MONTEIRO, 1992, p. 79). Além disso, com exceção de Sauron, os sujeitos são meramente portadores do Anel, sem realmente possuí-lo, e essa impossibilidade de nunca possuir o objeto valor gera

disforia nas personagens. O Anel servia exclusivamente a Sauron, que depositara parte de seu próprio poder em sua confecção: o objeto é personificado, tinha vontade própria e manipulava seus portadores para retornar ao seu mestre. Em Sméagol, o Anel desperta e intensifica a ambição e, enquanto portador do objeto, ele o utilizara apenas para “descobrir segredos, e usou seus conhecimentos para fins distorcidos e maliciosos. Seus olhos e seus ouvidos se aguçaram para tudo que fosse doloroso. O anel lhe dera poder de acordo com sua condição” (TOLKIEN, 2019, p. 107). Surge, então, seu duplo, Gollum, e sua ambição, intensificada pelo poder do Anel, contribui para que a personagem sofra transformações físicas e comportamentais. Sméagol é quem passou maior tempo portando o Anel: quatrocentos e oitenta anos, sendo então, a personagem mais afetada pelo objeto. Desse modo, Sméagol é também a que mais oferece material de estudo para a análise da paixão elencada. Com isso, a fim de averiguar a constituição passional da ambição, delimitamos a personagem de caráter duplo, Sméagol, para essa pesquisa. Outrossim, a ambição é definida pelo *Dicionário online de português - Dicio* (2018, n.p. grifos nossos) como um “**desejo desmedido** pelo poder, dinheiro, bens materiais, glórias” e de “**obstinação intensa** para conseguir determinado propósito; vontade de alcançar sucesso; pretensão”. Sua definição revela um sujeito, cujo desejo é desmedido, ou seja, esse é um sujeito que quer algo com “intensidade ou grandeza acima da medida usual” (MICHAELIS, 2018, n.p.). O sujeito ambicioso também é obstinado, o que, conforme o *Dicionário online de português* (2018, n.p.), denota uma “grande persistência para resolver algo ou alcançar algum objetivo”, e isso ocorre de uma maneira intensa. Segundo Fiorin (2000, p. 177), “o obstinado é aquele que quer, apesar da impossibilidade evidente”, sendo a obstinação um querer, tal como a ambição. De acordo com Bertrand (2003, p. 28, grifos nossos), “a impossível conquista de um objeto de desejo reforça, ao longo dos obstáculos encontrados, o querer do sujeito, e eis a ‘obstinação’; os objetos virtuais crescem no decorrer das aquisições parciais; **dilatando o ser potencial do sujeito e eis a ‘ambição’**”, ou seja, a ambição resulta da impossibilidade de um querer intensamente obstinado. Esse sujeito que almeja seu objeto valor, isto é, o “objeto determinado pelas aspirações e projetos do sujeito” (BARROS, 2005, p. 84) se encontra em uma situação de disjunção. Assim, exploramos a hipótese de que as transformações em Sméagol surgem como consequência do domínio da ambição nesse sujeito que está em constante disjunção com o Anel, pois, dada a natureza do objeto, a personagem nunca o possuiu realmente. Ressalta-se, ainda, que, “para chegar a uma descrição passional ajuizada, faz-se necessária uma investigação mais ampla do discurso. É preciso incorporar ao exame dos arranjos modais uma análise das relações actanciais do discurso, dos programas e dos percursos narrativos” (MELLO, 2005, p. 47). Destarte, almejamos compreender os arranjos modais em *O senhor dos anéis*, a fim de identificar não somente a configuração patêmica da ambição, mas como ela se constitui, especificamente, em Sméagol, culminando na cisão do ser e conseqüentemente em sua loucura, para, por fim, resultar no aniquilamento do eu. Por conseguinte, a estrutura da tese é composta por uma introdução; quatro capítulos teóricos-

analíticos subdivididos de modo a atender às necessidades requeridas pela pesquisa; e pelas considerações finais. Desse modo a introdução apresenta o autor, o *corpus*, a metodologia, os objetivos, metodologias e as hipóteses utilizados. O primeiro capítulo, por sua vez, centra-se no detalhamento do *corpus*, bem como em sua relação com o cânone. Assim, esse capítulo vem no intuito de aproximar o leitor à pesquisa: apresenta-se aqui a cosmogonia e mitologia tolkieniana das quais *O Senhor dos Anéis* é parte integrante e interfere diretamente na análise da personagem (foi realizada aqui uma síntese da obra). Aborda-se ainda o maravilhoso em *O Senhor dos Anéis*, seu contexto histórico e o lugar da literatura tolkieniana em meio à modernidade. Esse capítulo explora, por fim, a posição ambivalente do *legendarium* tolkieniano no cânone: foi realizado um estudo sintético sobre a crítica literária, a composição de um cânone e sobre *O Senhor dos Anéis* enquanto literatura de massa. O segundo capítulo centra-se em explorar a ambição de modo teórico-crítico: intentou-se aqui compreender a gênese passional da paixão elencada, explorando-a teoricamente. O terceiro e quarto capítulo contam, respectivamente, com a análise da origem do objeto e da análise da personagem. Vale ressaltar que, apesar de os capítulos finais se centrarem ambos na análise em si, essa divisão faz-se necessária para compreender o poder corruptor do objeto. Assim, a fim de analisar as origens do poder corruptor do Anel do Poder, o terceiro capítulo é sobre a trajetória do objeto. Para tanto, a análise volta-se a Melkor-Morgoth, origem do mal primordial: o próprio mundo, em Tolkien, é considerado o Anel de Morgoth, pois fora contaminado pelo que o escritor chama de “Ingrediente Melkor” (TOLKIEN, 1993, p. 396, tradução nossa). Além disso, Melkor-Morgoth foi também mestre de Sauron, criador do Um Anel, tornando imprescindível analisar também a trajetória dessa personagem. Objetiva-se, com isso, reunir material para a compreensão do funcionamento do Anel Dominante e de seu poder corruptor, especificamente, em Sméagol. O quarto capítulo visa a compreender a essência da personagem e os efeitos da ambição. Analisamos as consequências oriundas da paixão em Sméagol, que, dominado pela ambição em possuir o Anel do Poder, acaba cindido no duplo Gollum. As considerações finais trazem uma síntese da tese, bem como a apresentação dos resultados oriundos dessa pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EdUSC, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. In: *Revista cruzeiro semiótico*. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica, 1999. p. 60-73.

_____. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DICIO. *Dicionário online de português*. Disponível em <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

FIORIN, José Luiz. *Modalização: da língua ao discurso*. Alfa. São Paulo, v. 44, p. 171 – 192, 2000.

MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. *Sobre a Semiótica das Paixões*. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 8/2, p. 47-64, dez. 2005.

MICHAELIS, moderno dicionário. *Dicionário de português online*. Melhoramentos, 2018. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

MONTEIRO, Maria do Rosário Ferreira. *J. R. R. Tolkien The Lord of the Rings: A Viagem e a transformação*. Lisboa: Instituto nacional de investigação científica, 1992.

TOLKIEN, J. R. R. *The history of the Middle-Earth*. Morgoth's ring: the later Silmarillion. TOLKIEN, Christopher (ed.). Boston: Houghton Mifflin Company, 1993. 10 v.

_____. *O Senhor dos Anéis: a sociedade do Anel – Parte I*. Tradução: Ronald Eduard Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

PROMIC E PROFICE: O IMPACTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA NOS CAMPOS DE PRODUÇÃO LITERÁRIA

Amanda Maria Damasio Teixeira (Mestranda)
Frederico Augusto Garcia Fernandes (Orientador)
3º semestre
Previsão para defesa: 2022/1

Sabe-se que, atualmente, há uma constante discussão sobre a efetividade das políticas públicas de cultura e qual é o grau de autonomia conferida à arte viabilizada por eles. O presente trabalho tem como objetivo traçar linhas em torno do impacto provocado pelo PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) e PROFICE (Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura), procurando investigar como se desdobram as publicações e eventos literários realizados por esses programas. A dissertação é derivada de um projeto de Iniciação Científica que propôs um olhar sobre o PROMIC como estratégia de inserção da poesia no espaço público (2019). Busca-se, então, responder às seguintes questões (e seus enraizamentos, é claro) a cada capítulo: qual é o papel das políticas públicas de cultura em relação à literatura (o que se quer dizer quando fala-se em fomento)? De que forma eles estimulam a produção dela (por meio de eventos ou sustentação de Vilas Culturais, por exemplo?), e por fim, o capítulo final objetiva responder também qual é o impacto desses eventos e publicações nas trajetórias de autores e produtores culturais, utilizando os textos literários produzidos por eles como objeto de pesquisa. Isso se faz porque, para discorrer sobre o papel literário desses programas, deve-se tentar pensar no impacto que esses estímulos podem fazer em relação à construção de um repertório literário mais diverso no polissistema, como cunhou o estudioso israelense Itamar Even-Zohar (2013). O autor enxerga no repertório um conjunto de elementos que rege a produção de textos. Qual é, então, o papel das políticas públicas de cultura em relação a tais elementos? Ou seja, qual é o efeito em publicar, validar ou tornar visíveis os textos que encontrariam pouca ou nenhuma validação de outros meios de produção e distribuição, além do estímulo da literatura por meio de outros tipos de projetos, mais focados em eventos ou contação de histórias? É interessante notar, por exemplo, que Even-Zohar (2013) utiliza o termo “canonizado”, e não canônico, apontando neste gesto o processo pelo qual o texto torna-se relevante: a partir da valorização de outrem. Tendo como base o livro *As regras da arte*, pretende-se introduzir a discussão a partir de uma leitura crítica dos editais. Foi o sociólogo Pierre Bourdieu (1996) que apontou “as lutas” do sistema de produção literária, ou seja, entre outras coisas, o processo dos autores de tentar conquistar sua autonomia e uma heteronomia. Para o autor, o campo de produção literária é um campo de forças que age de formas diferentes conforme a posição dos indivíduos. Assim, todos os processos de produção e viabilização artística partem de um “combate” às concorrências e sobre os espaços. Dito isso, reconhece-se a

importância de questionar o impacto das políticas públicas de cultura neste processo. Em *As regras da arte* (1996), Bourdieu traça uma teoria sobre a produção artística que revela um universo literário que inclui não apenas o estilo do escritor, mas também as instituições de poder que regem seu texto e sua distribuição, seu estilo de vida e quais são as tomadas de posição que interferem no consumo dessa obra de arte. Sobre a importância de entendê-los, Bourdieu (1996, p. 274, grifo do autor) aponta: “Assim, toda a história do campo é imanente a cada um de seus estados e para estar à altura de suas exigências objetivas, enquanto produtor mas também enquanto consumidor, é preciso *possuir* um domínio prático ou teórico dessa história e do espaço dos possíveis no qual ela se perpetua.” Ele se debruça sobre grandes escritores do século XIX, como Baudelaire e Flaubert, para exemplificar suas trajetórias em meio à modificações formais, ideológicas, estilísticas, culturais e sociais, explorando-as ao analisar os campos de produção literária da época. A partir de uma teoria que nomeia diversos capitais (simbólico, cultural, social, econômico, por exemplo), Bourdieu demonstra como o “poder” do autor depende de inúmeras questões para viabilizar-se, ser distribuído e tornar-se visível. A metodologia, então, parte do levantamento de projetos literários aprovados (no recorte de tempo de dos editais de 2015 a 2020 para o PROMIC e 2017 e 2019 para o PROFICE), entendendo sua relação com os critérios expostos pelos editais, além de elencar os formatos dos textos, sua variedade. Tal recorte temporal almeja analisar projetos mais antigos para obter seus desdobramentos, além de procurar também direcionar seu olhar para os mais recentes, aqueles que foram afetados e transformados pela pandemia do coronavírus. Essa metodologia pretende atender à questão “Como os próprios produtores enxergam o processo de seleção dos editais?” Para responder essa pergunta, serão realizadas entrevistas com os alguns produtores destes projetos, além de editores e autores que optam por publicar ou não via política pública, para que se tenha uma grande variedade de experiências, a fim de tentar entender qual é a posição do PROMIC, por exemplo, no campo de produção literária de Londrina. Também utilizaremos dados coletados pelo projeto Festivais Literários Brasileiros, em que questionários específicos foram feitos para autores, produtores e público; esses dados elucidam qual é a relação dos festivais com a cidade, com esses indivíduos (os produtores culturais ou autores) que, muitas vezes, dependem desses eventos para colocar-se no espaço de discussão ou para manter-se. Esses questionários elucidam a relação dos escritores entre si, como o papel dos festivais em relação à cidade; e quais são os impactos que ele produz no campo de produção literária. Feitos a partir da leitura de Millicent Weber (2018), estudiosa que dirige seu olhar sobre inúmeros aspectos dos festivais literários, esses questionários levantam de forma esparsa impressões dos autores, produtores e público sobre esse tipo de evento (que não se relacionam apenas aos projetos do PROMIC e PROFICE). Outra questão levantada por Marta Porto (2019), crítica cultural e ativista, é a do dirigismo cultural. Ela questiona como esses editais podem acabar optando por subjetividades específicas e as prendendo às amarras institucionais que afetariam a diversidade da arte e do seu processo. Não

se pode esquecer, também, das sanções impostas pelo mercado em si, o que nos leva a discutir propriamente o que se entende por autonomia cultural, tema tratado por Bourdieu (1996). Pôde-se entender, por exemplo, que uma grande lista de critérios pode sutilmente dirigir o texto do produtor - já que ele está em processo de luta ao inscrever-se no edital e “formatar-se” aumenta suas chances de tornar-se publicado, isso sem citarmos o processo de capitalização que acontece com os projetos do PROFICE, que podem acabar não ocorrendo mesmo após a aprovação. Ainda assim, essa formatação é ainda maior quando relacionada às editoras que se dirigem ao grande público. Por fim, é necessário apontar que a autonomia de um artista parte principalmente do seu contato com instrumentos de poder ou de conservação desse poder: ele depende de renda (meios materiais) e de visibilidade (meios intelectuais). Isso sem citarmos todos os processos sociais e afetivos que inferem nessa visibilidade, como demonstrado por Di Leone (2014). Na maioria das vezes, o programa de incentivo propõe também ao artista (com sutil dirigismo e insuficiência, é claro) os dois primeiros: a bolsa para realizar e distribuir seu projeto (se ele for bem sucedido) e o próprio caráter intelectual desse projeto que foi aprovado e validado, de certa forma, pelo Estado e pelo empresariado, o que acarreta em uma maior visibilidade. Dito isso, o trabalho expõe, possivelmente, uma maior entendimento dos programas de política pública selecionados, especialmente os que se dirigem ao livro e à literatura, procurando repensar qual é a melhor forma de construir um repertório mais oxigenado, que representa uma maior (mesmo que não plena) autonomia artística antes que ela acabe sufocada pelo mercado e pelas próprias hierarquias sociais.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Samantha. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 03 de junho de 2020. No prelo.

ANTONELLI, Diego. Entrevista escrita. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 30 de junho de 2020. No prelo.

ANTUNES, Thyane Cristine Piazzeta Antunes. Entrevista escrita. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 19 de junho de 2020. No prelo.

BLANCO, Pablo Henrique. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 18 de maio de 2020. No prelo.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DI LEONE, Luciana. *Poesia e escolhas afetivas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Teoria dos Polissistemas*. 2013. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Disponível em: ><https://seer.ufrgs.br/translatio/issue/viewFile/2211/22>< Acesso em: 29 de jul. de 2020

FABIANI, Marco. Entrevista escrita. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 15 de junho de 2020. No prelo.

HELOÍSA, Fiama. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 15 de setembro de 2020. No prelo.

JOSÉ, Sandy Cristine dos Santos. Entrevista escrita. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 26 de junho de 2020. No prelo.

KNOPFHOLZ, Guiomar. Entrevista escrita. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 29 de junho de 2020. No prelo.

LOSNAK, Marcos. Entrevista escrita. Concedida a Julia Emerich e Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 3 de junho de 2020. No prelo.

MARTINELLI, Amauri. Entrevista escrita. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 11 de junho de 2020. No prelo

MELHADO, Felipe. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 13 de maio de 2020. No prelo.

PORTO, Marta. *Imaginação: reinventando a cultura*. São Paulo: editora Polén, 2019. 128 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA. Lei nº 8984, de 06 de dezembro de 2002. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18899&Itemid=1897&limitstart=2> Acesso em: 16 de abr. de 2019

_____ Diretoria de Incentivo à Cultura- PROMIC. Disponível em: http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18899&Itemid=1897&limitstart=1 Acesso em: 20 de abr. de 2019.

SANTANA, Renata. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 25 de maio de 2020. No prelo.

SANTOS, Poliana. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 15 de setembro de 2020. No prelo.

SILVARO, Rafael. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 12 de maio de 2020. No prelo.

TEIXEIRA, Amanda Maria Damasio. *O PROMIC como estratégia de inserção da literatura no espaço público*. No prelo. 2019.

VIANNA, Christinne. Entrevista em áudio. Concedida a Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 2 de maio de 2020. No prelo.

WEBER, Millicent. *Literary Festivals and Contemporary Book Culture*. Canberra: Palgrave McMillan, 2018.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. 2. ed. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SARAU E *PERFORMANCE*: REDES AFETIVAS E ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

Ana Cristina Pereira da Silva (Mestranda)
Frederico Augusto Garcia Fernandes (Orientador)
3º semestre
Previsão de defesa: 2022/1

Que espaço ocupa um sarau nos dias de hoje? Essa pergunta foi feita durante uma reunião do “Sarau artístico e literário de Cambé” que aconteceu no dia 10 de agosto de 2010. Na ocasião, o escritor e participante assíduo do sarau, Felipe Pauluk, responde que “[...] poeticamente, o sarau ocupa o espaço de uma pérola. É como se estivéssemos numa redoma. O sarau resgata o olho no olho.” (SARAU ARTÍSTICO E LITERÁRIO DE CAMBÉ, Ata de reunião do dia 10 de agosto de 2010, livro 1, p. 55). Em 2020, o Sarau artístico e literário de Cambé teve sua primeira edição virtual. Devido à pandemia do Coronavírus, o sarau teve apenas uma edição no ano, que aconteceu por meio de performances gravadas e publicadas no Youtube. Em 2021, o “Sarau: prosa, poesia e outras delícias” aconteceu de forma virtual, ainda devido à pandemia, sendo realizado por uma transmissão ao vivo no Youtube durante a programação do Londrix. A questão levantada no sarau da Leonilda em 2010, como é conhecido popularmente o “Sarau artístico e literário de Cambé”, nunca se fez tão necessária nos dias atuais e a resposta dada pelo escritor é um ótimo ponto de partida para pensar o sarau em tempos de pandemia. A pandemia afetou todos os âmbitos da sociedade e com o sarau, cujo cerne é a performance, e performance pressupõe presença e corpo, não poderia ter sido diferente, uma vez que nesse momento o isolamento físico se faz necessário. Mediante a esse contexto, pode-se afirmar que os estudos acerca da performance nunca se fizeram tão essenciais nesse momento em que vivemos. A presente pesquisa em andamento objetiva realizar um estudo sobre os saraus e a *performance* enquanto estratégia de inserção do texto literário na atualidade, com base no “Sarau Artístico e Literário de Cambé” e no “Sarau: prosa, poesia e outras delícias” e nas redes afetivas que se estabelecem a partir deles, levando em conta seus impactos no sistema literário. O sarau é um evento literário em que as pessoas se reúnem para falar sobre literatura e arte, cuja principal marca são as apresentações performáticas que vão desde a declamação de poemas, encenações, até apresentações musicais e *performances* que ressignificam o texto escrito. Etimologicamente, sarau origina-se da palavra *serum*, que vem do latim e significa “tarde”, que se relaciona com o período em que eram realizadas as reuniões que contemplavam dança, música e literatura. (TENINA, 2013). A partir da década de 90, a literatura se desvincula da necessidade de filiações estéticas diante da multiplicidade de vozes que passam a se fazer presentes na produção literária. Desde então, há uma reconfiguração nas formas de edição e divulgação da literatura, que passa a se realizar por meio de agrupamentos. Essa nova

configuração do sistema literário de acordo com Heloisa Buarque de Hollanda (2001, p. 13) se dá diante de “uma confluência de linguagens, um emaranhado de formas e temáticas sem estilos ou referências definidas”, que passam a existir e exigir novos meios para inserção do texto literário. Os agrupamentos de artistas são um dos principais meios de divulgação do texto literário e diante das características e impactos que esses agrupamentos têm, a teoria literária traz um novo conceito para os estudos de literatura contemporânea que é o regime de redes afetivas que se estabelecem a partir desses agrupamentos. Para Leone (2014), as redes afetivas estabelecidas no sistema literário se dão por meio de novas formas de agrupamentos artísticos. Sendo assim, os saraus são uma forma de agrupamentos, não sendo considerados uma nova forma, historicamente falando, pois têm suas raízes nos salões do século XIX. No entanto, na contemporaneidade, ganharam novos formatos e vêm contribuindo para o estabelecimento dessas redes, que propiciam vislumbrar novas estratégias de visibilidade, inserção e divulgação do texto literário. A *performance* possibilita a inserção e divulgação do texto literário e dá visibilidade a esses textos, o que permite considerar os saraus uma categoria de novos agrupamentos artísticos, uma vez que o coletivo se faz presente por meio desses eventos. Os saraus surgem com intuito de divulgação dos artistas e de suas obras devido às limitações do mercado editorial e sua relação com a literatura que já se faziam presentes desde XIX. Tennina (2013), aponta que os salões tinham uma dupla representação, a de divulgação e de legitimação dos artistas e suas obras, e também de exibição das posições de classes por parte da elite, havendo assim um jogo de poder entre as relações estabelecidas. Bourdieu (1996) mostra que os salões do século XIX contribuíram para a estruturação do campo literário, em torno da oposição fundamental, arte e dinheiro, e das relações imbricadas a partir dela e das verdadeiras articulações entre os campos de poder social. Dessa forma, os salões desempenharam papel fundamental na formação do sistema literário e de uma identidade literária brasileira. O jogo de poder estabelecido dentro dos salões possibilitou o desencadeamento de ações artísticas, culturais e políticas importantíssimas, sendo citado por Silva (2008) como um evento que impulsionou a Semana de 22. A partir disso, pode-se perceber a força que esses movimentos tinham, à medida que faziam as obras circularem, provendo o escritor, além de representarem a dinamicidade do sistema literário, em que os elementos desse sistema se relacionam de maneira interdependente durante um largo trajeto que é percorrido até a publicação do livro. Os saraus foram sendo ressignificados com o tempo e passaram a ter diversas configurações enquanto evento artístico e literário. Dos salões aos cafés e às rodas de artistas, do século XIX e início do século XX, passaram a acontecer em bares, casas, centros e espaços culturais, praças, museus, dentre outros espaços, contando com diferentes atrações artístico-performáticas e microfones aberto ao público. Esse campo conceitual sobre o sarau, a organização e *modus operandi* de cada um, as relações de poder e as trocas afetivas estabelecidas por meio da performance, bem como um histórico de suas transformações ao longo do tempo, trazidas até aqui de forma resumida, contemplam o primeiro dos três

capítulos aos quais a dissertação foi dividida. O primeiro capítulo conta ainda com trechos importantes das atas que permitem refletir sobre esses pontos, como por exemplo a questão com a qual se inicia esse resumo. O levantamento dos dados e das fontes foi realizado por meio da observação e participação nos saraus, antes da pandemia, de entrevistas realizadas com as produtoras do “Sarau Artístico e Literário de Cambé” e do “Sarau: prosa, poesia e outras delícias”, com os artistas e escritores de Londrina e região frequentadores dos saraus e também com os participantes que não são escritores e artistas. Foram levantados também documentos como, fotos, reportagens, entrevistas, vídeos e as atas do “Sarau Artístico e Literário de Cambé”. A metodologia dessa pesquisa está assentada no modelo teórico-analítico de Even-Zohar (1990), bem como nos estudos de Aguilar e Cámara (2017), Leone (2014), Zumthor (2007), Tennina (2013), Silva (2008), Fernandes (2017), Hollanda (2001), Bourdieu (1996) e Rancière (2009), dentre outros teóricos que contribuam para a proposta em tela. O segundo capítulo traz o sarau sob a perspectiva do autor, o papel do autor dentro do sarau, as relações estabelecidas entre esses autores e reflexões acerca de questões mercadológicas e do capital simbólico trazido por Bourdieu (1996). Além disso, o segundo capítulo contará com textos literários produzidos atualmente que circulam e/ou circularam nos saraus. Essa escolha dos textos está sendo feita de forma a identificar características e pontos em comum entre eles, buscando trazer estilos em comum. Por fim, no terceiro capítulo serão abordados os saraus em sua relação com o público, de que forma esse público é afetado por meio da performance e a análise de performances realizadas nos saraus. Zumthor (2007) define a apresentação performática, *in praesentia*, como única, dotada de corporeidade, e carregada de sensações e emoções, que nunca será igual a outra, mesmo que realizada no mesmo lugar com as mesmas pessoas. Na *performance* a voz é emanção do corpo, uma representação plena, que não é apenas uma forma de comunicação que transmite conhecimento, mas que transforma o conhecimento, e sendo assim, que transforma de alguma forma o ser. A voz segundo Zumthor (2007) marca tanto o *performer* quanto o espectador, estabelecendo uma comunicação poética, uma experiência vivenciada, e é essa comunicação que permite que o escritor se promova por meio da *performance*. (ZUMTHOR, 2007). A dissertação abordará o contexto antes e durante a pandemia visando refletir também sobre as performances realizadas por meio de mídias, algo que Zumthor (2007) já afirmava não ter a mesma afetação que a apresentação performática *in praesentia*. O autor traz essa perspectiva em um outro contexto, muita coisa mudou até então, a relação que as pessoas tem com as mídias hoje e principalmente a pandemia nos levam a esse ponto importante da arte performática que não pode passar despercebido nos estudos da performance atualmente.

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. *Máquina Performática: a literatura no campo experimental*. Trad. Gênese de Andrade, Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. O poder da escrita: gênero, espaço e afeto na literatura contemporânea. In: *Revista Cerrados*. V. 20, n. 31, 2011, p. 297- 314.

ASSUNÇÃO, Luiz; MELLO, Beliza Áurea de Arruda (org.). *Paul Zumthor: Memória das Vozes*. São Paulo: Editora Assimetria, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polissystem Studies. In: *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. Vol.11, n.1, 1990. P.1-268.

FERNANDES, Frederico. O caso Londrix: subjetividade, territorialização e política na poesia de Maurício Arruda Mendonça. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 52, p. 102-121, set./dez. 2017.

_____. *O atributo da voz: poesia oral, estudos literários, estudos culturais e abordagem cartográfica*. Revista da Anpoll, vol. 1, n. 33, 2012, p. 135-158.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Esses poetas. Uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

LEONE, Luciana Di. *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

OLIVEIRA, Lucas Amaral. de. Sociogênese possível dos saraus: uma história de rupturas na cultura brasileira. *Sociedade e Cultura*, [S. l.], v. 23, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/62830>. Acesso em: 8 fev. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2ª ed. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org. Ed 34, 2009.

SARAU ARTÍSTICO E LITERÁRIO DE CAMBÉ. *Ata de reunião (2003-2017)*. Livro 1. P. 1-100.

SARAU ARTÍSTICO E LITERÁRIO DE CAMBÉ. *Ata de reunião (2017-2019)*. Livro 2. P. 1-13.

SILVA, Simone. As “rodas” literárias no Brasil nas décadas de 1920-30. Troca e obrigações no mundo do livro. In: *Latitude* – SEER/UFAL, Vol. 2, nº2, pp.182-210, 2008. Disponível em:

www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/download/162/145. Acesso em 21 mai. 2019.

TENNINA, Lúcia. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 42, jul.-dez. 2013. p. 11-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n42/01.pdf>. Acesso em 21 mai. 2019.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007, 128p.

SÉRGIO VAZ: PALAVRA, GESTO E AFETO

Andreza Pereira Dias Ramos (Mestranda)

Frederico Augusto Garcia Fernandes (Orientador)

3º semestre

Previsão de defesa: 2022/1

Nascido em Minas Gerais, em 1964, e criado na Zona Sul de São Paulo, Sérgio Vaz escreve na periferia e com a periferia, em uma tentativa de amplificar vozes por muito tempo negligenciadas e apagadas da história da literatura. Suas influências literárias vão desde Carolina Maria de Jesus até Miguel de Cervantes, passando ainda pelo grupo de *rap* Racionais MC's, demonstrando a vastidão da palavra, que percorre e ocupa corpos, vozes e espaços distintos. Em 1988, ele publica seu primeiro livro de poemas, *Subindo a ladeira mora a noite*, de forma independente e em colaboração com uma amiga também poeta, Adriane Mucciolo. No ano de 2001, funda, ao lado de alguns amigos, a Cooperativa Cultural da Periferia, a Cooperifa, e alguns meses mais tarde, o Sarau da Cooperifa, que se torna referência para a criação de saraus de poesia nas periferias de São Paulo e um dos motivos da popularização do escritor. Sérgio também é atuante em projetos que têm como objetivo levar a literatura para diferentes espaços da periferia, como “Poesia contra a violência”, “Poesia nos muros”, “Várzea poética”, “Café literário” e “Poesia no ar”, além de ter organizado, em 2008, a Semana de Arte Moderna da Periferia, influenciado pelos ideais norteadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Essas ações promovem não só a comunhão da palavra, como concedem a oportunidade de dessacralizá-la, na medida em que fazem com que a poesia “ajoelhe para a comunidade”, de acordo com as palavras do próprio escritor. Para além disso, revelam o estabelecimento de uma rede que se estrutura através dos intercâmbios e da prática coletiva entre produtores e consumidores, prática que se torna possível a partir do afeto que atravessa essas relações (LEONE, 2014). Ao consultar o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento (2019, p. 33) identificou “[...] 53 dissertações e teses, defendidas no Brasil entre 2004 e 2016, que se ocuparam especificamente da produção contemporânea associada às ideias de literatura marginal ou periférica.”, 26 destas situadas na área de Letras. Leite (2014), Nascimento (2006; 2011), Patrocínio (2010) e Tennina (2017), por exemplo, são alguns dos nomes que trouxeram para a academia significativas contribuições sobre esse movimento literário e cultural nascido nas periferias, através da realização de etnografias e de análises literárias. Sérgio Vaz, ao lado de Ferréz, Allan da Rosa, Sacolinha, Alessandro Buzo e Elizandra Souza, é um dos escritores da periferia que mais incita pesquisas acadêmicas, (NASCIMENTO, 2019, p. 35), devido, possivelmente, ao caráter pioneiro do Sarau da Cooperifa. Embora muitas questões já tenham sido respondidas por essas pesquisas, optou-se por manter o anseio inicial de

investigar o trabalho de Sérgio Vaz, atualizando o *corpus* de análise do projeto, de modo a contemplar não só seus textos publicados em livros, como também as performances realizadas no Sarau da Cooperifa. Contudo, a pandemia da COVID-19 instalada no Brasil no início de 2020, impediu tanto qualquer possibilidade de participação física no Sarau da Cooperifa, quanto a presença no formato remoto, uma vez que seus organizadores não transferiram os encontros para as plataformas digitais. Ainda que as atividades do sarau tenham sido suspensas, as relações de afeto estabelecidas em torno do Sarau da Cooperifa puderam ser observadas nos novos modos de configuração dessa rede. As participações de Sérgio Vaz e de outros frequentadores do sarau em eventos *online* ao longo dos últimos meses, possibilitaram diferentes reflexões acerca da constituição dessa comunidade. Pensando nisso, busca-se analisar participações do escritor em eventos acadêmicos e festivais literários, que aconteceram ao longo dos anos de 2020 e 2021 de forma remota, as quais estão disponíveis na plataforma YouTube; performances referentes à recitação de poemas no Sarau da Cooperifa, realizadas em um contexto anterior à pandemia da COVID-19, igualmente disponíveis no YouTube; e, ainda, pretende-se analisar textos presentes nos três livros mais recentes do escritor Sérgio Vaz, *Colecionador de pedras*, *Flores de alvenaria* e *Literatura, pão e poesia*, publicados pela editora Global na coleção Literatura Periférica, no intuito de contemplar os diferentes formatos de atuação do escritor e de pensar, também, sobre os índices de oralidade presentes nesses textos (ZUMTHOR, 1993). Essas análises serão realizadas com o objetivo de investigar de que forma o afeto se interliga ao Sarau da Cooperifa e estabelece uma rede a partir das interações mantidas entre os fatores desse polissistema literário, provocações que foram facilitadas pelas leituras de teorias a respeito do polissistema literário, performance, oralidade e a literatura como dispositivo de afeto, realizadas a partir do projeto de pesquisa “Festivais Literários: redes afetivas e sistema literário”, coordenado pelo Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes. De acordo com o pesquisador Itamar Even-Zohar (1990), o conceito de “polissistema” se refere a um sistema sincrônico, dinâmico, e heterogêneo, constituído de vários outros sistemas, os quais se interseccionam e se sobrepõem de forma estruturada. Pensando no “sistema literário”, o qual pode ser entendido como uma “rede de relações” que agrupa um número de atividades dentro do termo “literário”, Even-Zohar (1990) busca compreender quais atividades podem ser consideradas regidas por relações sistêmicas literárias, dispensando a exclusividade dos textos escritos e ampliando as noções de literatura para abarcar questões relativas à cultura e à sociedade. De modo semelhante, os pesquisadores argentinos Gonzalo Aguilar e Mario Cámara (2017) buscam nos signos trazidos pela dimensão performática da literatura, tudo aquilo que o texto escrito não pôde manter. Dessa forma, pensam sobre os corpos, as vozes, os espaços e as figuras do escritor, inscrevendo-os no que eles chamam de “campo experimental”, e convocando a performance “[...] para mostrar que sua presença transforma as leituras possíveis de uma obra.” (AGUILAR, CÁMARA, 2017, p. 13). Essa pesquisa, portanto, atenta-se para a atuação de Sérgio Vaz enquanto produtor, pertencente a uma instituição e a um mercado,

possuidor de um público consumidor, e dotado de um repertório, nos termos de Even-Zohar. Marcada pela heterogeneidade e a não hierarquização, sua atuação estabelece pontos de interdependência com os demais fatores, demonstrando a existência de uma rede marcada pelo “fazer junto”, do qual fala Leone (2014). Pensando nisso, considera-se de grande relevância o papel do público sobre o trabalho de Sérgio Vaz com a palavra, uma vez que o afeto estabelecido entre produtor e consumidor através das performances e dos textos pode ter influência direta sobre sua produção, impactando a sua escrita e performance e agindo como motivador das ações do Sarau da Cooperifa.

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Gonzalo.; CÁMARA, Mario. *A máquina performática: a literatura no campo experimental*. Tradução: Gênese Andrade. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução: Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucía. (org.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre: ZOUK, 2019.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polissystem Studies. *Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. v. 11, n. 1, 1990. p. 1-268.

FERNANDES, Frederico. Festivais literários, sistemas culturais e marketing territorial: um estudo de caso italiano. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 2, n. 23, p. 20-33, 2014. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=1067>. Acesso em: 29 mar. 2021.

FERNANDES, Frederico. Por uma poética da cura: a poesia oral e seus desígnios socioculturais. In: BARZOTTO, Leoné Astride (Org.). *Literaturas e práticas culturais: linguagens e intercâmbios*. Campinas: Pontes editores, 2017.

LEITE, Antonio Eleilson. *Mesmo céu, mesmo CEP: produção literária na periferia de São Paulo*. 2014. 228 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-12112014-085405/publico/mesmoceumesmocep.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

LEONE, Luciana di. *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. 2011. 213 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/publico/2011_EricaPecanhaDoNascimento_VCorr.pdf. Acesso em: 11 ago. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. “*Literatura marginal*”: os escritores de periferia entram em cena. 2006. 203 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 11 ago. 2020.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de escritores de periferia na cena literária contemporânea*. 2010. 231 p. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16720@1>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. 2 ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparos e o fim do indivíduo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SPIZONA, B. *Ética*. Tradução: Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

TENINNA, Lucía. *Cuidado com os poetas! Literatura e Periferia na Cidade de São Paulo*. Tradução: Ary Pimentel. 1 ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.

VAZ, Sérgio. *Colecionador de Pedras*. 2 ed. São Paulo: Global, 2013.

VAZ, Sérgio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VAZ, Sérgio. *Flores de alvenaria*. 1 ed. São Paulo: Global, 2016.

VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente*. 2 ed. São Paulo: Global, 2020.

WEBER, Millicent. *Literary Festivals and Contemporary Book Culture*. Canberra: Palgrave MacMillan, 2018.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz a literatura medieval*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

A PERCEPÇÃO DO FEMININO EM NARRATIVAS ORAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE

Maria Aparecida de Barros (Doutoranda)

Frederico Augusto Garcia Fernandes (Orientador)

7º semestre

Previsão de defesa: 2022/1

Arguições anteriores: Barbara C. Marques e Suely Leite

Este trabalho tem por objetivo fazer a escuta de relatos orais de mulheres em situação de prisão e identificar como a identidade de cada narradora é apresentada, assim como, de que modo as demais personagens femininas são retratadas em suas narrativas. Pretende-se também investigar como as relações sociais e o ambiente prisional contribuem para a construção das imagens femininas. Seguindo o método proposto pela História Oral, foram escolhidas e analisadas quatro narrativas, obtidas por meio de entrevistas gravadas apenas em áudio, entre 2014 e 2015, na Penitenciária Feminina de Rio Brillante (MS). Para alcançar os objetivos propostos contamos com o aporte teórico de GAGNEBIN (2006), KEARNEY (2012), ALBERTI (2004), MEIHY (2005), SELIGMANN-SILVA (2010), POLLAK (1992), entre outros. A oralidade é a principal forma de acesso às narrativas de detentas estudadas nesta pesquisa. Por meio das vozes de Amália, Rosa, Livia e Vanuza acessamos suas trajetórias de vida. Suas vidas se condensam em sons diversos, ordenados conforme o desejo da memória. São as recordações que ditam as regras e o momento em que cada uma virá à luz. As recordações, por sua vez, são encorajadas pelo momento, pelo estímulo para falar de si, para partilhar as experiências recolhidas no decorrer da trajetória. O ato de narrar os fragmentos menos importantes do passado, deixados à beira do caminho, se assemelha ao “narrador sucateiro” que sai a recolher sucata, os cacos e restos, no desejo de que nada fique para trás. Mesmo aquilo que é considerado de pouca importância, não deve ficar esquecido. É recolhido como peça que constrói a história (GAGNEBIN, 2006, p.54). Cada história de vida partilhada é uma trajetória que ganha um olhar diferente, pois, no momento da contação, narrador e ouvintes já não são os mesmos. O narrador, que se volta para o passado, se volta com a bagagem que agregou no decorrer da vida, ele já não é o mesmo, tampouco a ocasião da narração e categoria de ouvinte. Dessa forma, uma mesma história poderá assumir diversas faces, conforme o momento em que for contada. Para Kearney, “A vida está prenhe de histórias. Ela é um enredo nascente em busca de uma parteira. Porque dentro de cada ser humano existem inúmeras pequenas narrativas tentando escapular” (KEARNEY, 2012, p.413), ou seja, são as nossas vivências que desejam ganhar o mundo, atravessarem distâncias, não apenas aquelas heroicas, mas também aquelas que contam dores, perdas ou embates. Quando alguém opta por falar de si, narrando os acontecimentos passados, sejam pequenos instantes ou grandes conflitos, também se dispõe a revelar-se, e dizer

quem ela é, ou como se posiciona diante daquele instante. Quando iniciamos as entrevistas, indagamos às entrevistadas como elas se apresentam às pessoas, ou quem são elas. Essa indagação possibilita que cada uma se veja como sujeito ou como aquela que pratica a ação, que é protagonista da própria história e não apenas um agente passivo, incapaz de agir. Ainda que algumas de suas ações estejam temporariamente impedidas, a mulher presa continua fazendo pequenas escolhas, muitas vezes, entre o menos pior, que se apresenta. Ao denominar-se sujeito capaz de narrar a si a sua história, inicia-se a busca da identidade narrativa. Nesse sentido, as narrativas possuem a função de evidenciar aquela que narra. As narrativas em análise foram coletadas conforme o método proposto pela História Oral, que é entendido como “um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento” (DE ALMEIDA SANTOS, p.03). As entrevistas, que aconteceram na unidade penal feminina de Rio Brilhante, não se trataram de uma entrevista temática, em que há um tema específico a ser trabalhado, mas tiveram como foco toda a trajetória de vida das narradoras, desde a infância até o momento atual na prisão. A história de vida tem como interesse maior a o próprio indivíduo inserido em tempo histórico (ALBERTI, 2004). A História de vida se insere no âmbito da História Oral, e esse viés teórico-metodológico possibilita que sejam captados na narrativa as experiências, suas produções e os seus significados. A narrativa “é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões” (MEIHY, 2005, p. 56), tal construção considera o vivido num possível passado, e pode ocasionar elementos como mentira e esquecimento; nesse cenário, a história oral se depara com “a nostalgia de um passado idealizado e o idílico de um futuro desejado e imaginado” (HOLANDA, 2009, p.19). Como é o caso da narradora Lívia, que rememora a infância e adolescência e deseja um futuro no qual possa livrar-se das drogas e reconstruir a vida ao lado das filhas. As memórias revisitadas na prisão, em sua maioria, trazem dor e violências diversas, e estas memórias são a base da identidade, agora reconfigurada no cárcere. As representações femininas presentes nas memórias narradas demonstram em suas entrelinhas a percepção de mundo, as experiências guardadas na memória assim como a maneira como a narradora revela sua individualidade. Os discursos narrativos produzidos pelas reeducandas não revelam apenas fatos de suas trajetórias, mas comportam também as marcas da subjetividade de cada uma, a suas formas de olhar, compreender e simbolizar o mundo que as cerca. Nesse sentido, é possível afirmar também que, a narrativa torna-se um “lugar onde a existência humana toma forma, onde ela se elabora e se experimenta sob a forma de uma história” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 40). A verdade das narrativas de mulheres em situação de cárcere, se apresenta como fato, como desejo e também como denúncia de suas dores e seus deslizes, “testemunhar, assim como atestar, tem a ver com “ter visto” e não podemos ver pelo outro. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.12). Elas testemunham para além do que foi visto pela justiça, para além do que permanece trás das grades, afora dos fatos que constam nos autos e nos relatórios

prisionais, há vidas. Trajetórias tortuosas, ora vítimas, ora algozes, até chegar à frente do gravador, que retém mais que sons, mais que mágoas e rancores. A recuperação das vozes silenciadas é possível por meio do testemunho, pois ele possibilita “fornecer, sem desvios interpretativos ou analíticos de terceiros, o acesso imediato ao passado e também por possibilitar, mediante a recuperação de vozes silenciadas pela repressão, a construção de presentes e futuros(...)”(AVELAR, 2012, p.31). Quando se ouve um relato oral, acredita-se que a realidade narrada aconteceu de fato assim como é testemunhada. Ao tratar sobre a literatura de testemunho, Seligmann-Silva (2006) afirma que, testemunha aquele que tem algo de excepcional para contar. A narrativa nasce da necessidade de descrever a experiência, porém, pode acontecer de a linguagem não ser capaz de expressar a experiência vivida, ou seja, diante da experiência, o narrador não encontra palavras que sejam capazes de externar o vivido (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67). O local de origem das narradoras aparece com bastante frequência nos relatos relevando a importância do espaço íntimo e familiar que é cultivado embora por detrás das grades. Pollak (1992), ao discorrer sobre a construção da identidade, pontua que ela está ancorada em três elementos: no sentimento de fronteiras físicas (corpo físico da pessoa ou do grupo), dentro de um determinado tempo (histórico e psicológico) e em um sentimento de ser coerente com o grupo e consigo. Pollak reflete que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204). O pertencimento a um grupo, e a semelhança com o mesmo, contribui para que a identidade do narrador seja fortalecida quando as memórias relativas a ele são revisitadas. A imagem construída para si e para o grupo também passa pelo olhar que vem de fora. Nessa etapa, estamos finalizando o segundo capítulo da tese (que está estruturada em três) e dando continuidade ao terceiro, que trará as análises das entrevistas. Até o momento, é possível atestar que as condições degradantes das prisões femininas, as mazelas e a privação dos direitos mais básicos, assim como diversas situações de violência que ferem a mulher dentro e fora do sistema prisional interferem na construção de suas identidades e na maneira como se percebem, e a narrativa oral é a forma mais apropriada para revelar as experiências nos papéis sociais, como vítimas ou vitimárias que ocupam, nesse momento de suas vidas.

BIBLIOGRAFIA

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. 167p.

BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

DE ALMEIDA SANTOS, Antonio Cesar. *Fontes Oraís: Testemunhos, Trajetórias de Vida e História*. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf>. Acesso em: 01/06/2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga, Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal-RN: EDUFRN, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GROSSI, Y. de S.; FERREIRA, A. C. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral*, [S. l.], v. 4, 2009. DOI: 10.51880/ho.v4i0.33. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/33>. Acesso em: 15 jun. 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLANDA, Fabíola. Construção de narrativas em história oral: em busca dos narradores plenos. *Oralidades*, 2009.

KEARNEY, Richard. Narrativa. *Educação & Realidade*, v. 37, n. 2, p. 409-438, 2012.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: ática, 1985. Série Princípios.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latinoamericanos*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra escrita*. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v. 20, no. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC - Rio, 2008, p. 67.

RUIZ, Castor Bartolomé. A testemunha e a memória. O paradoxo do indizível da tortura e o testemunho do desaparecido. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 48, n. 2, p. 70-83, 2012.

EXPERIÊNCIAS NA CONTRAMÃO: UMA POÉTICA DECOLONIAL NAS PERFORMANCES DE FLÁVIO DE CARVALHO

Ana Carolina Ribeiro (Doutoranda)
Marta Dantas da Silva (Orientadora)
3º semestre
Previsão de defesa: 2023/2

Esta pesquisa tem como propósito identificar por meio da opção das estéticas decoloniais proposta por Walter Mignolo e Pedro Pablo Gómez (2012) a expressão de uma poética decolonial nas *Experiências* do artista brasileiro Flávio de Carvalho. Por meio da análise dos registros de escrita e imagens produzidas pelo próprio autor, serão investigados três trabalhos que receberam em comum a designação do termo “experiência”: *Experiência nº2*, *Experiência nº3* e o *Teatro da experiência*. Para cada uma destas ações o artista desenvolveu uma escrita correspondente. Para a intervenção *Experiência nº2*, publicou o livro *Experiência nº2: realizada sobre uma procissão de Corpus Christi*. Para *Experiência nº3*, Flávio publicou na sua coluna no jornal *Diário de São Paulo* e que foram reunidas no livro póstumo *A moda e o novo homem: dialética da moda* (2010), organizada por Sérgio Cohn e Heyk Pimenta. Para o *Teatro da Experiência*, escreveu a peça *O bailado do deus morto* e que, posteriormente, em 1973, decorreu na publicação de *A origem do animal deus e O bailado do deus morto*. O que se distingue nas *Experiências* do artista é o uso de diferentes meios de expressão para se manifestar o que lhe confere um caráter multidisciplinar, performativo. Considero, portanto, o campo expandido (KRAUSS, 1986) e a condição de zona fronteira (CABALLERO, 2011) pelo qual se revela sua obra e que permite observá-la além do seu contexto de origem, que foi o modernismo. Esse olhar pretendido não determina que o artista estivesse em desacordo com o seu tempo, mesmo porque, ao adentrar a sua biografia, escrita por J. Toledo (1994), os relatos sobre sua vida nos fazem compreender que Flávio desfrutou e contribuiu, com entusiasmo, com o modernismo brasileiro. Recebeu de Oswald de Andrade o título de “antropófago ideal”. Porém, há um devir em potência, uma condição de transitoriedade, que permite atualizar o que Flávio produziu em contextos outros. Nancy Fernandes (In FARIA, 2013, p.54) confirma isso ao dizer que “apesar de estar ligado aos modernistas, Flávio manteve ideias próprias para suas experiências”. Osorio (2009, p.11) também compartilha do mesmo entendimento quando nos diz que a obra deste artista “deve ser vista como parte de um passado indeterminado que vem ganhando, com o passar dos anos, uma atualidade renovada.” Por essa perspectiva, vislumbra-se aqui a possibilidade de reevocar, reatualizar essas *experiências* a partir de outras perspectivas, assim como propõe Agamben (2009, p. 72) quando menciona que o contemporâneo “é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação a outros tempos, de nele ler de modo inédito a história”. Sendo assim, lanço uma perspectiva de olhar para as

Experiências de Carvalho a partir das estéticas decoloniais, proposta que surge a partir do conceito de “colonialidade” trazido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992). Pautado em Franz Fanon (2008) e Aimé Césaire (1978), Quijano explica que a colonialidade se implementou no século XVI com a colonização dos territórios africanos e latino-americanos por meio da modernidade/razionalidade, porém, mesmo com independência das colônias, a colonialidade continuou exercendo poder pelas vias política, economia e epistemológica. O teórico ressalta que das três vias, a epistemológica é a mais importante, pois é a partir dessa que se dá o conhecimento e é pelo conhecimento que se produz subjetividade. É desta forma que a colonialidade regula o gênero, a sexualidade, a classificação racial, os saberes e a estética. A partir do conceito de “colonialidade”, o crítico literário e semiólogo Walter Mignolo (In MIGNOLO; GOMÉZ, 2012) apresenta a opção das estéticas decoloniais. Tal proposta tem como objetivo decolonializar a estética para liberar *aíesthesis*. Para ele, a estética filosófica pensada por Immanuel Kant, no século XVIII, regulou o gosto assim como o conceito secular de razão regulou o conhecimento. Por isso, ele propõe o entendimento do termo a partir da origem grega *aíesthesis* que está relacionada a abertura dos sentidos. Em consonância com o pensamento pós-estruturalista, o crítico ainda pontua que as estéticas decoloniais são uma opção, pois não tentam se impor em um discurso totalitário, como verdade absoluta. É uma “verdade” entre outras verdades. A partir deste delineamento das estéticas decoloniais, pode-se perceber que, em cada uma das *Experiências*, Carvalho estabelece a crítica a colonialidade por uma perspectiva distinta. Em *Experiência nº2*, Flávio atravessa, no contrafluxo, uma procissão de *Corpus Christi* que está ocorrendo na praça da Sé usando sobre a cabeça um boné verde. Na insistência de permanecer com o boné os devotos quase o lincham. O ato só não ocorre porque, em estado de fuga, ele invade uma leiteria e se esconde em um saguão. A crítica à colonialidade é feita a partir do dogma e da intolerância. Para dialogar com este trabalho convoco ainda a performance *Atos de Transfiguração: receita de como fazer um santo*, do Antônio Obá que ocorreu em 2015 e que compôs a curadoria da exposição *Queer Museu: cartografias da diferença na arte brasileira*, de 2017, organizada por Gaudêncio Fidelis. Tanto em *Experiência nº2*, quanto em *Atos de Transfiguração*, apesar da distância cronológica, a intolerância surge como um desvelamento da colonialidade nas circunstâncias de recepção dessas obras. Em *Experiência nº3*, realizada em 1956, Flávio questiona a colonialidade a partir da vestimenta e do gênero. Ao criar o *Traje de verão*, que também chamou de *New look tropical*, e desfilar pelas ruas do centro de São Paulo, contesta os padrões do traje masculino de seu tempo e que em nada colaboravam com o clima dos trópicos. Já com o *Teatro da Experiência*, projeto que se consumou na apresentação da peça teatral *O bailado do deus morto*, em 1933, a crítica a colonialidade perpassa por diversas esferas, como por exemplo, na narrativa, na estrutura dramaturgica, no uso da linguagem não-verbal, na sonoplastia, no espaço cênico e na atuação. Contudo, ao levantar a possibilidade de olhar pela perspectiva decolonial para as *Experiências* de Flávio de Carvalho, pretendo

também estabelecer reflexões sobre até que ponto as manifestações artísticas brasileiras do começo do século XX puderam contribuir, no passado, para a proposta das estéticas decoloniais que emerge como possibilidade junto ao campo epistemológico decolonial na atualidade.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo. In. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Capecó: Argos, 2009.

CABALLERO, Ileana D. *Cenários Liminares: teatralidades, performances e política*. Col. Teoria Teatral Latino Americana. Uberlândia: Edufu, 2011.

CARVALHO, Flávio de. *Experiência nº2: realizada sobre uma procissão de Corpus Christi*. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

CARVALHO, Flávio. *A moda e o novo homem: dialética da moda*. COHN, Sérgio; PIMENTA, Heyk (org). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

CARVALHO, Flávio de. *A origem do animal deus e O bailado do deus morto*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

FANON, Franz. *Pele negra máscaras brancas*. Trad: Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2008.

FERNANDES, Nancy. *Primeiras tentativas de modernização*. In: FARIA, João Roberto. *História do Teatro Brasileiro*. V. 2 São Paulo: Perspectiva/Edições SESCSP, 2013.

KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Lisboa: Edições 70, 2017.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. *Revista Gávea*. nº1. Trad: Elizabeth C. Baez. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 1984, p. 128-137.

MARTÍ, Silas. Exilado após ameaças de religiosos, brasileiro expõe em Nova York. In: *Folha de S. Paulo*. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br> > Acesso em: 02 de jul. de 2021.

MIGNOLO, Walter. Primera parte: lo nuevo y lo decolonial. In: GOMÉZ, Pedro P; MIGNOLO, Walter. *Estéticas y opción decolonial*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José Caldas, 2012. p.23-47.

OSORIO, Luiz Camilo. *Flávio de Carvalho*. (Coleção espaços da arte brasileira). São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidad. *Perú Indígena*. V.13, 1992, p.11-20. Disponível em: <https://www.lavaca.org>. Acesso em: 27 de jul. de 2020.

SANGIRARDI, Júnior. *Flávio de Carvalho: o revolucionário romântico*. Rio de Janeiro; Philobiblion, 1985.

SIMÕES, Mariana. “Eu recebi mais de cem ameaças de morte” diz curador da exposição Queermuseu. *El país*. 2018 Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 13 de out de 2019

TOLEDO, J. *Flávio de Carvalho: o comedor de emoções*. São Paulo: Brasiliense, Campinas: Unicamp, 1994.

ROLAND BARTHES E A COMIDA JAPONESA: O ENCONTRO DOS SENTIDOS DO TEXTO EM *O IMPÉRIO DOS SIGNOS*.

Alexandre Yoshiaki Sawaguchi (Mestrando)

Laura Taddei Brandini (Orientadora)

3º semestre

Previsão de defesa: 2022/1

Na década de 1960, o escritor francês Roland Barthes aceita o convite do diretor do Instituto Francês de Tóquio, Maurice Pinguet, para a realização de seminários em determinadas universidades da capital nipônica. Com isso, Barthes viaja ao Japão e tem a chance de conhecer um universo cultural profundamente distante do seu. Consequentemente, por meio de suas andanças pelas ruas, constrói reflexões sensíveis através de fragmentos do cotidiano japonês que mais retiveram a sua atenção, dando vida, assim, a sua obra *O Império dos signos* (1970). Nesse país asiático, ele não procurou compor nenhuma realidade, mas sim, levantar “[...] um certo número de traços (palavra gráfica e linguística), e com esses traços formar deliberadamente um sistema” (BARTHES, 2016, p. 7) aberto às possibilidades de ressignificação dos signos ali percebidos e reunidos por ele. Dentre os ambientes percorridos pelo escritor encontra-se um em especial: o gastronômico – lá a comida é vista como uma composição de signos estranhos e fortes o suficiente para que o escritor se envolvesse de reflexões que transitassem por entre as fissuras existentes entre o significante observado e uma possível significação desgarrada da *doxa*. Por essa razão, os processos inerentes ao preparo e à apresentação da comida japonesa fizeram com que Barthes fosse abalado e levado a um estado que ele denomina escritura, que se caracteriza como uma disposição ao ato da escrita literária causada por uma reviravolta do conhecimento, das antigas leituras, um chacoalhar dos sentidos. Dessa maneira, é justamente nesse ponto que se encontra o interesse nuclear para toda esta empreitada: investigar a maneira com a qual Roland Barthes se relacionou com a comida japonesa, analisando de que modo pode-se perceber a aproximação existente entre a prática do fazer literário com esse universo repleto de sentidos. Para o francês, a comida nipônica é um arranjo de elementos, cuja estrutura encontra-se disponível à leitura de suas camadas, especialmente, devido ao seu estado quase “natural” – é um tipo de corpo gráfico que se inscreve sobre a bandeja por meio do cruzamento de corpos plurais, pois, “[...] tudo ali é ornamento de outro ornamento [...], a comida nunca é mais que uma coleção de fragmentos, dos quais nenhum é privilegiado por uma ordem de ingestão.” (BARTHES, 2016, p. 32). Para além disso, na visão de Barthes, a comida levanta-se como um signo capaz de exercer sentidos variados a cada indivíduo no momento em que ela é observada e também ingerida, causando estímulos particulares ao sujeito como a leitura de um determinado texto. Em “Da obra ao texto”, presente em *O Rumor da Língua* (1984), Barthes indica que “O texto é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas

que realiza o próprio plural de sentido: um plural irreduzível (e não apenas aceitável)” (BARTHES, 2004, 70). Tal definição dialoga com a maneira como ele interpretou a comida, por conseguinte, esta pesquisa se alimentará, principalmente, dos seguintes fragmentos d’O *Império dos signos*: “A Água e o Floco”, onde o escritor considera a comida japonesa como forma de pintura devido às suas cores vivas, igualmente, como uma representação de textos gráficos; “O Interstício”, que se refere à iguaria denominada tempura, e aponta para a peculiaridade de sua massa aerada, fundamental para a interligação entre os pedaços de alimentos e, ao mesmo tempo, não permitir que um pedaço de legume esconda um outro, logo, criando um vão entre os corpos; “A Comida Descentrada” concerne a liberdade existente no preparo do *sukiyaki*, prato referido por Barthes como inesgotável em sua feitura, sem um núcleo, começo ou final estipulado, permanecendo à mesa enquanto a vontade de comer estiver presente; e em “Palitos”, encontra-se a relação entre esses utensílios com os bicos de aves e os dedos humanos, devido à função que eles dispõem em selecionar e coletar minuciosamente a comida de um lugar para outro. Desse modo, através dos fragmentos citados, intui-se identificar, explicar e relacioná-los aos conceitos barthesianos de Texto, Escritura, Corpo e Neutro, presentes em títulos como: “Texto (teoria do)” (1973), o já citado “Da Obra ao Texto” (1971), O Neutro (2002), O grau zero da escrita (1953), “Prazer/Escrita/Leitura” (1972), “Sobre ‘S/Z’ e ‘O Império dos signos’” (1970). Também buscaremos reflexões em A *Intertextualidade* (2001) de Tiphaine Samoyault, *Roland Barthes. O ofício de escrever* (2006) de Éric Marty, *Texto, Crítica, Escritura* (1993) de Leyla Perrone-Moisés, elaborando, dessa forma, um diálogo que possa sustentar o objetivo desta caminhada. Para além disso, será intocável a necessidade de apresentar O *Império dos signos*, concomitantemente, com vozes de outros autores que subsidiem a construção de um olhar plural sobre a obra. O livro pode ser entendido como um conjunto de pequenos recortes do cotidiano japonês apreendidos e pensados por Barthes como um tecido por onde ele deslizou seu olhar atento e verificou nas dobras dessa renda signos que, por alguma causalidade do momento, incomodaram-no suficientemente para serem escritos e interpretados. Quando os elementos pertencentes e “invisíveis” ao dia-a-dia, devido a motivos particulares, acendem aos olhos do sujeito, causando-lhe um estalo, isso aponta para a ocorrência do que Barthes considera como “incidentes” – aquilo que se constitui como uma poeira de um acontecimento e muitas vezes passa despercebido por muitos, mas que em dado momento, para algumas pessoas, torna-se visível e merecedor de uma leitura profunda. Em vista disso, é incontornável, também, a explanação clara da ideia de incidente para o escritor e a importância que o cotidiano possui nesse processo. Todavia, antes disso, foi imprescindível o desenvolvimento de uma primeira parte para esta pesquisa que analisasse a transformação do alimento em comida e, conseqüentemente, em um código cultural que foi tomado por Roland Barthes como um conjunto de signos. Para tanto, subsidiou-se, principalmente, nos autores: Luce Giard *A invenção do cotidiano: Morar, Cozinhar* (1994), Massimo Montanari *Comida como cultura* (2008) e Michael Pollan *Cooked: A natural History*

of *Transformation* (2013), *Elementos de Semiologia* (1964), *Mitologias* (1954) “Cozinha dos Sentidos” (1964); “A Atividade Estruturalista” presente em *Ensaio críticos* (1963), de Roland Barthes, além de outros títulos: “A cozinha do sentido” presente em *Com Roland Barthes* (2012) de Leyla Perrone-Moisés e “O Sal das Palavras: a gastrosofia da linguagem de Roland Barthes” (2017) escrito por Cláudia Amigo Pino. Dessa maneira, verificou-se que as mudanças dos hábitos alimentares são frutos não apenas do coletivo, mas inicialmente das escolhas particulares de cada indivíduo no preparo de suas refeições. Nesse contexto, o alimento torna-se comida, pois é resultado de um conjunto de memórias, práticas, preferências, sentimentos, simbologias, entre outras determinações que dão a cada preparo características peculiares, mesmo pertencendo a uma mesma receita. Para Barthes em seu *Elementos de Semiologia*, a comida poderia ser comparada à fala, pois, do mesmo modo que a fala possui um código, sua língua, e não se limita a essas regras, movimentando-se de modo flexível, a comida também poderia ser pensada desse modo, porque, similarmente, acaba sofrendo variações na forma como é manifestada. O que é relevante é a forma como Barthes se apropriou da linguística estrutural saussuriana como canal de expansão para se pensar assuntos do cotidiano com base em conceitos dicotômicos retirados da linguística: língua e fala, significante e significado, sintaxe e sistema. Desse modo, em *Mitologias*, põe-se a analisar os mitos pertencentes ao universo alimentar de seu país: o vinho, o bife e a cozinha ornamental, identificando-os como frutos de anos de discursos que os tornaram naturais para os franceses, porém, ao serem desconstruídos, expuseram signos que denunciaram significados outros. Tal modo de pesquisa recebeu a expressão “Cozinha dos Sentidos”, e para o escritor, era um meio de se ler os detalhes que encontrava no contexto urbano do qual fazia parte, conferindo-lhes uma perspectiva outra. Assim sendo, sob essa lente, um signo não era considerado fonte de apenas um único significado, porque, em conjunto com outros signos, poderia gerar interpretações fora da *doxa*. Barthes usa a “cozinha” como metáfora por ser um lugar onde os signos alimentares são transformados em formas variadas através de seleções, descartes, adições, cruzamentos, etc, onde a comida é construída por meio do conjunto de signos que ali são levados e trabalhados. Além dos procedimentos realizados na cozinha, ainda havia a ligação estabelecida com a comida pronta, cuja importância maior estava em sua estrutura e a possibilidade de se ler os fragmentos que respaldam essa forma de linguagem. Sendo assim, tal abertura Barthes encontrará no Japão, por meio da comida preparada frente a seus olhos, cujos signos lhe eram estranhos e desprovidos de significado, proporcionando, dessa forma, sua própria leitura e interpretação, por entre suas camadas.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. “Cozinha dos Sentidos”. In: _____. *A Aventura Semiológica*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 177-179.

_____. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. “Da Obra ao Texto”. In: _____. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 65 - 75.

_____. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

_____. *O grau zero da escrita*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *O Império dos Signos*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

_____. *O Neutro*. Tradução de Ivone Castilho Benedette. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *O Prazer do Texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. “Prazer/Escrita/Leitura”. In: _____. *O grão da voz*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 219 - 243.

_____. “Respostas: Entrevista com Jean Thibaudeau”. In: _____. *Inéditos*, vol. 4: Política. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 112 - 155.

_____. “Sobre ‘S/Z’ e ‘O Império dos signos’”. In: _____. *O grão da voz*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 96 - 122.

_____. “Texto (teoria do)”. In: _____. *Roland Barthes Inéditos vol. 1 - teorias*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 261-289.

_____. “Vinte palavras-chave para Roland Barthes”. In: _____. *O grão da voz*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 291- 330.

GIARD, Luce. “Cozinhar”. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano: Morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis - RJ: Vozes, 2013, p. 211 - 331.

MARTY, Éric. *Roland Barthes O ofício de escrever*. Tradução Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. Tradução de Letícia Martins de Andrade. Editora Senac, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A cozinha do sentido”. In. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 100-107.

_____. *Roland Barthes, o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Ática, 1993.

PINO, Cláudia Amigo. “O Sal das Palavras: a gastrosofia da linguagem de Roland Barthes”. In. CONTANI, Miguel Luiz; GUERRA, Maria José. (orgs.). *Barthes 100 anos: ideias e reflexões*. Londrina: Eduel, 2017, p. 87 – 102.

POLLAN, Michael. *Cooked: A natural History of Transformation*. New York: Pinguin, 2014.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo&Rothschild, 2008.

ATRASAR-SE PARA SI: BISSEXUALIDADE NA LITERATURA FEMININA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Natasha Fernanda Ferreira Rocha (Doutoranda)

Suely Leite (Orientadora)

7º semestre

Previsão de defesa: 2021/2

Arguições anteriores: Luiz Carlos Migliozi e Marta Dantas da Silva

Sendo essa a última arguição que passarei enquanto discente neste Seminário, gostaria de mudar a forma pela qual me apresento. Ao levar em conta as minhas avaliações anteriores, creio ser necessário, antes de dizer o que é o meu trabalho, dizer o que ele não é, para evitar confusões. A tese que intento desenvolver versa sobre as possibilidades de representação de personagens bissexuais na literatura brasileira contemporânea produzida por mulheres. Assim, se, doravante, fizer uso do termo sexualidades não hegemônicas, será para fazer referência à bissexualidade; quando me referir à questões sociais, isso se deve ao fato de o material literário com que trabalho permitir – e pedir – tal leitura; as obras em que me detenho são analisadas tais como são: arte e um sistema de representação sociocultural; ainda que a pesquisa que desenvolvo possa ser lida e analisada sob outras perspectivas – da política, da militância, da sociologia... – reafirmo que o meu campo é a literatura, não a panfletagem. Postas tais premissas, retomo a tese desenvolvida: há uma invisibilidade de personagens bissexuais na literatura brasileira contemporânea? Justifico tanto minhas inquietações de pesquisa quanto meu recorte a partir da obra *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), que suscitou duas questões norteadoras 1) por que as mulheres ainda têm menor destaque como produtoras de literatura? e 2) determinadas minorias sexuais seguem subrepresentadas¹, por quê? Sua pesquisa aponta que a maior parte dos personagens de 258 romances (1990-2004) analisados, eram do sexo masculino e ocupavam os papéis de protagonista, coadjuvantes e narradores em maior número, se comparados com as mulheres; os produtores dessas obras seguiam um perfil semelhante, sendo homens, brancos, com formação intelectual/acadêmica, heterossexuais, cisgênero. Como um espelho, a autoria se reflete na (re)criação de formas de vida ficcionais assim como o sistema masculino e da heteronorma minimiza a importância e achatam as publicações de mulheres seja diminuindo seu processo criativo, seja atravancando as condições materiais para a sua realização. Semelhante é o que ocorre com a representação de outras realidades que não a padrão, como apontado em Dalcastagné (2012). Passados quase dez anos de sua pesquisa, seria possível afirmar que a invisibilidade revelada ainda persiste? A fim de verificar a permanência ou não dessa, que foi uma constante até o início do século XXI no cenário literário brasileiro, selecionei como

¹ Bissexuais representam 2,4% dos personagens. Homossexuais, 3,9%.

recorte temporal a última década para concentrar minhas observações analíticas. O *corpus* literário ao qual me detenho foram obras publicadas por mulheres entre os anos de 2010 à 2020. Em ordem cronológica: *Como se estivéssemos em palimpsestos de putas* (2012), de Elvira Vigna, *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), de Carol Bensimon, *A vez de morrer* (2014), de Simone Campos, publicados pela Editora Companhia das Letras, e *Tudo pode ser roubado* (2018) e *Suíte Tóquio* (2020), de Giovana Madalosso, publicados pela Editora Todavia. Restrinjo-me às duas editoras citadas: esse também foi um critério para restringir o recorte literário. O trabalho está dividido em dois capítulos: um, inicial, por ora sem título, em que faço o que tenho chamado de *defesa do óbvio*, onde além de responder perguntas como “por que analisar literatura de autoria feminina?” ou “por que o estudo da representação de minorias é importante?”, esclareço o que e como farei o trabalho a que me proponho e outro, de análises, em que cada subcapítulo está reservado à uma obra. Por enquanto, dispus os livros seguindo o critério ‘autoras: de estreadas à veteranas’. Para isso, levo em consideração que a maneira como a bissexualidade é exposta ou sugerida nas obras literárias se altera conforme a maturidade literária das autoras: nas estreadas, a sexualidade é expressa de forma ou mais pueril e inocente ou restrita às relações sexuais com parceiros diversos; enquanto que na última obra de Madalosso e em Vigna há um fluxo amplo e mais maleável de relações humanas, amorosas e sexuais – o que, a propósito, cria imagens e narrativas mais elaboradas e interessantes. Tenho percebido que, para além da sexualidade, o conhecimento e o autoconhecimento são pontos importantes de conexão nas obras, ponto que torno digno de nota, visto que o intuito desse trabalho é, também, chamar a atenção para uma nova forma de episteme – feminista e bissexual. Ser mulher e bissexual são modos de existir no mundo, assim como publicar e existir, no Brasil de 2021, são práticas de insistência. Além dessa estrutura básica, é um desejo escrever um excuro para listar as obras que me deparei durante a pesquisa e que retratam práticas de sexualidade não hegemônicas. Romances, contos e poesias que escapam do recorte temporal e de editoras que estabeleci. Há uma produção profícua de publicações independentes e em editoras menores que merecem destaque e atenção. A tese se estrutura em um formato circular em que os campos de crítica literária e de teorias políticas, filosóficas e sociais são retomados durante as análises. Para tal, firmo-me em Judith Butler, Michel Foucault, Shiri Eisner, Giorgio Agamben, Spivak, Hall, Donna Haraway e Daniel-Henri Pageaux. A uma altura de *Todos nós adorávamos caubóis*, a protagonista afirma com algum sarcasmo que era “devastador chegar atrasada na minha própria vida pessoal” (posição 646) quando, ao contar para a (então) amiga que se relacionava com mulheres, perceber que esse não era um segredo ou uma surpresa. A fala, ainda que permeada por algum humor na narrativa, é ilustrativa para exemplificar a vivência das subjetividades bissexuais, no sentido de que a sua experiência sexual é sempre – ou quase sempre – permeada pelo olhar do outro, seja sob um aspecto de permissão, de vigilância ou de análise, antes mesmo da autocompreensão de sua individualidade e, por isso, trago a expressão como título provisório deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

VIGNA, Elvira. *Como se estivéssemos em palimpsestos de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Edição para e-book, versão Kindle.

BENSIMON, Carol. *Todos nós adorávamos caubóis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Edição para e-book, versão Kindle.

CAMPOS, Simone. *A vez de morrer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Edição para e-book, versão Kindle.

MADALOSSO, Giovana. *Tudo pode ser roubado*. São Paulo: Todavia, 2018.

MADALOSSO, Giovana. *Suíte Tóquio*. São Paulo, Todavia, 2020.

A PAISAGEM COMO MEIO DE INTER-RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E ESPAÇO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE EM MANOEL DE BARROS

Alan Diogo Capelari (Mestrando)

Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora)

3º semestre

Previsão de defesa: 2022/1

Manoel de Barros foi um poeta que permaneceu oculto dos olhares dos grandes centros por muito tempo, quando se tornou conhecido amplamente, já havia produzido uma boa quantidade de material poético. De modo similar, a crítica acerca do trabalho do poeta teve um início singelo e multiplicou-se exponencialmente com o passar dos anos. Novas perspectivas das mais diversas áreas foram lançadas sobre seus poemas, predominando, talvez, estudos acerca da linguagem, da memória e do espaço. A respeito da linguagem, Barros é conhecido pela peculiaridade dos seus desvios sintáticos, resultantes de um processo de torcer e bater os vocábulos, como alguém que lava roupas (BARROS, 1992, p. 314). O fazer poético de Manoel é primariamente um trabalho linguístico, característica referida pelo próprio autor em suas entrevistas por escrito. Muito próximos do caráter linguístico de sua poesia estão a memória e o espaço. Se, por um lado, são considerados menores que a linguagem, o trio é indissociável entre si quando lemos a obra de Manoel como um todo. O trabalho linguístico do poeta se faz recorrendo às memórias “inventadas” de sua infância no Pantanal, com menções aos períodos que passou em outros lugares. Constitui-se um erro ingênuo pensar que seus poemas preocupam-se com mero registro referencial dos lugares onde viveu, pois o olhar de Manoel de Barros transcende a visão e a lembrança (revisão), e projeta uma transvisão sobre estes lugares, através da imaginação, conforme descrito em “As lições de R.Q.”: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê” (BARROS, 2013, p. 324). Para o poeta, é de um extremo dessabor tratar do Pantanal através de listas de aves, rios e árvores, já que essa postura não é capaz de mostrar a essência do interior e perde-se na exuberância do local. Além de ter um olhar que exerce “transvisão”, Manoel de Barros enfatiza aquilo que é considerado inútil. Seus poemas tratam dos trastes, do que é rejeitado pela sociedade e do que se coloca à margem, adicionando à sua transvisão um elemento subversivo que põe em xeque a sociedade moderna, movida pela reificação dos indivíduos que a constituem. Podemos notar, então, que o poeta lança seu olhar sobre os espaços, eventos e pessoas de sua história, ordena-os em versos através de um trabalho minucioso com a linguagem, que subverte tanto a gramática quanto os valores da sociedade moderna. Ele estabelece, neste processo, novas relações entre o espaço e os indivíduos presentes em sua poesia, enaltecendo assim o ser humano à grandeza das coisas ínfimas e humanizando a natureza através da consciência artística. São estas relações entre sujeito e espaço o nosso foco de pesquisa, pensando nas formas com que elas se estabelecem, nas

características dos sujeitos e dos espaços presentes na poesia de Barros, assim como nas maneiras com que tais características se entrelaçam, e, por fim, nas novas significações que estes sujeitos e espaços adquirem pelo viés da “transvisão” do poeta. Para a realização de tais estudos serão utilizadas teorias da paisagem que permitam abarcar sujeito e espaço em um único quadro referencial de análise, principalmente os trabalhos de Anne Cauquelin, Michel Collot e Eric Dardel. Outras leituras integram a pesquisa para complementar as propostas dos teóricos acima citados, assim como para suporte da análise de poesia e do fazer poético. Cauquelin define a paisagem como “a concretização do vínculo entre os diferentes elementos e valores de uma cultura, ligação que oferece um agenciamento, um ordenamento e, por fim, uma ‘ordem’ à percepção do mundo” (CAUQUELIN, 2007, p. 14). Assim, percebemos como a paisagem possui caráter social, histórico, geográfico e cultural, ou seja, diferentes sujeitos de contextos sócio histórico distintos percebem diferentes paisagens, mesmo que os espaços observados sejam bastante similares. Michel Collot (2012), por sua vez, pensa a paisagem como um espaço percebido, ou ainda, “o aspecto visível, perceptível do espaço” (2012, p. 12). Segundo o autor, essa percepção não se faz passivamente, mas o sujeito que percebe ordena os dados sensoriais, de modo que estes façam sentido. Collot define três elementos constituintes da paisagem: o ponto de vista, a parte e o conjunto. Sobre o ponto de vista, afirma que “a paisagem é definida do ponto de vista a partir do qual ela é examinada” (COLLOT, 2012, p. 12). Essa característica infere a presença de um sujeito que observa o espaço, pois uma paisagem não existe por si só, antes, ela é produzida pela observação de um sujeito e é carregada de significações atribuídas por ele. A noção de parte refere-se ao fato de que a paisagem nunca é apreendida em sua totalidade, vez que a observação capta apenas parte do espaço. Uma paisagem tem em si partes visíveis e partes não visíveis, a não ser pela mudança de posição do sujeito que observa. A partir dessa concepção, o autor define dois horizontes, um externo e um interno. O horizonte externo indica tudo aquilo que se encontra na circunscrição da paisagem, sendo o limite do que é visível; já o horizonte interno implica tudo que existe na paisagem, mas não é visível, a menos que se desloque o ponto de vista. Para o autor, essas lacunas se preenchem pela percepção. O terceiro elemento, o conjunto, também decorre da parcialidade da observação, sendo que paisagem pode ser entendida como um todo coerente apreendido em um só lance de olhar. Já Eric Dardel trabalha com o conceito de geograficidade, explicando-o como uma relação concreta entre homem e terra. O autor contrapõe a geografia objetiva, geométrica a uma geografia mais subjetiva e interior. Geografia, para Dardel, não é apenas uma categorização e classificação da terra, mas é também uma leitura que o homem faz dela. Tal leitura não se limita ao “reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de *irrealização*” (DARDEL, 2011, p. 5), permitindo ao homem traçar caminhos para outros mundos, pensados a partir da experiência geográfica. Feitas estas considerações, realizaremos a leitura de poemas de Manoel de Barros identificando e analisando a ocorrência de paisagens, observando neste processo as formas como o poeta trabalha sujeito e espaço em

uma relação recíproca, na qual a essência do sujeito e do espaço prevalecem sobre a descrição objetiva deles; ao invés de meramente descrever, o poeta lança seu olhar sobre os espaços armazenados na memória, ordena-os através de um trabalho linguístico apurado, e cria novos mundos onde novas relações entre sujeito e espaço podem se manifestar. A presente pesquisa se erige a partir de um valioso tesouro de fortuna crítica, e busca conciliar aspectos dos poemas de Manoel de Barros que antes foram vistos de modo mais particularizados, assim, é nosso objetivo articular a relação entre sujeito espaço pela transvisão de Barros. A fim de atingir tal objetivo, estruturaremos o trabalho em quatro capítulos, um para tratar a respeito do perfil de Manoel de Barros, da crítica existente sobre a sua obra, e de uma leitura panorâmica do espaço em seus livros. Dessa leitura três livros foram selecionados para a análise posterior. O segundo capítulo se dedica a pensar o fazer poético, inclui leituras sobre a lírica moderna e imagem poética, e como o espaço tem sido lido em obras literárias. O terceiro capítulo desenvolve o pensamento da paisagem, a partir da fenomenologia, incluindo menções acerca de teorias sobre o olhar. Estabelecidas estas bases, o quarto capítulo se constitui em análise dos poemas, pensando as relações entre sujeito e espaço na poesia de Manoel de Barros.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In ALVES, Ida et al. *Literatura e paisagem*. Rio de Janeiro: EUFF, 2013.

_____. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. de Ida Alves et al. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PAZ, O. *O arco e a lira*. 2 ed. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

A PAISAGEM NOS CONTOS MARAVILHOSOS DE MARINA COLASANTI

Luísa Negrão de Souza (Mestranda)
Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora)
3º semestre
Previsão de defesa: 2022/1

A significação da paisagem, cada vez mais, desponta em meio aos novos aspectos e temas interdisciplinares levados em conta pelos estudos literários. Através da percepção do papel do espaço, que desenha uma nova cartografia do mundo na sociedade contemporânea, a atenção às discussões espaciais tem se solidificado, incidindo até mesmo sobre o ponto de vista literário. Houve um tempo, na verdade, em que a paisagem na Literatura era considerada apenas como um pano de fundo descrito como um cenário onde então se desnovelavam os verdadeiros aspectos importantes da Literatura, isto é, como um espaço inerte preexistente e indiferente. Porém, com a expansão da geografia cultural, o conceito de paisagem vem sendo redimensionado, em distintos níveis de análise: simbólica, morfológica e funcional, para além da Geografia, em múltiplos campos de reflexão como a filosofia, a estética, a psicologia e a história. A paisagem, desse modo, retorna como um dado construído, incluindo percepção, concepção e ação e se estabelece como uma estrutura de sentidos, uma formulação cultural. Assim, também os estudos literários se aprofundaram na reflexão sobre a paisagem reforçando-a como um aspecto relevante para a construção do texto, depreendendo que “A representação do espaço no discurso literário não deve estar condenada a um processo exclusivo de descrição da paisagem, considerada como o aspecto mais visível do espaço. É possível e necessário apreender e revelar aspectos e traços humanos essenciais” (BASTOS, 1998, p. 63). Dessa maneira, também os estudos literários passam a ver a paisagem como um aspecto ligado a todos os outros aspectos que produzem sentido e imagens, passando de mero pano de fundo para, muitas vezes, protagonista da construção literária, representando acontecimentos, constituindo sensações e sentimentos e assumindo o contorno da subjetividade particular à Literatura. Na perspectiva de Michel Collot, a paisagem não é nada sem o sujeito, que também não é nada sem ela. Esta passa a ser uma relação de cumplicidade e identidade. A “busca de si mesmo”, tal qual o horizonte, parece recobrir uma fonte inesgotável de possibilidades ainda inexploradas. Essa limitação da visibilidade expressa seu caráter de incompletude, isto é, ela requer uma intervenção ativa do sujeito, que deve ocupá-la com sua imaginação, palavras ou movimentos. Por isso o horizonte é poético: é um chamado de alteridade para recompor e recriar a paisagem. Nesse sentido, a subjetividade – aqui também representada pelo olhar e pelo corpo – é indissociável do horizonte, parte essencial da paisagem, que segue o sujeito como uma sombra. Destarte, a paisagem não pode ser concebida de uma única maneira e também não se limita em uma única definição. Ela não assume características que a bastam,

mas que a ampliam, já que se dá na junção de múltiplos elementos. Como já visto, sendo a paisagem uma unidade de sentido, ela pode significar, mais do que questões literárias ou cartográficas, questões da vida e da relação do sujeito com o mundo. As questões literárias são, nessa perspectiva, recursos para elaboração desta relação, que garante a reflexão e o desenvolvimento de, mais do que uma leitura de textos, uma leitura de mundo. A paisagem na Literatura é, portanto, mais um aspecto ligado a todos os outros aspectos que geram sentido, possibilidades, imagens – em suma, que promovem a Literatura de fato. Alguns contos de Marina Colasanti, detentora de vários prêmios *Jabutis*, do Grande Prêmio da Crítica da APCA, do Melhor Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro, do prêmio da Biblioteca Nacional para poesia e de dois prêmios latino-americanos, constituem o objeto de estudo deste trabalho, uma vez que são fortemente marcados pela subjetividade e relação visceral das personagens com a paisagem. Para isso, foram escolhidos alguns contos maravilhosos, em que os elementos da paisagem, sobretudo natural, dão sentido à construção das personagens envoltas pela atmosfera simbólica e metafórica dos contos de fadas. Para, afinal, compreender uma possível dimensão da paisagem nas obras escolhidas, estas serão agrupadas a partir da reincidência de três elementos da paisagem natural (horizonte, vento e água). O horizonte, representado sobretudo nos contos *A moça tecelã*; *A mulher ramada*; *Sem asas, porém* e *Luz de lanterna, sopro de vento*, confirma a definição de Michel Collot de que a paisagem é um ponto de vista que depende do sujeito para ser significado, uma vez que nos diferentes contos ganha diferentes significações, que dependem da relação que se dá entre as personagens e a paisagem. A linha do horizonte, que se abre em infinitas possibilidades, não é reduzida nas produções de Marina Colasanti, uma vez que pode significar contentamento, liberdade, esperança, emancipação, etc. O vento, nos contos *Doze reis e a moça no labirinto do vento*; *Luz de lanterna, sopro de vento* e *O último rei* ganha relevo por meio de seu comportamento determinante no destino das personagens. Sua presença é impossibilidade, libertação, guia e revelação na travessia das personagens. A água, doce ou salgada, confere, por fim, ainda mais profundidade às produções analisadas. O mistério, a imensidão e o movimento são características basilares para a análise da cumplicidade entre o sujeito e esse elemento da paisagem. São elas que confirmam que a paisagem não é mero pano de fundo na Literatura, mas sim uma estrutura de sentidos e significados, como bem revelam os contos *Onde os oceanos se encontram*; *Um desejo e dois irmãos* e *A princesa mar a mar*. Experimentável, a paisagem revela-se como um espaço de transição entre o dentro e o fora. Michel Collot (2013), com a ideia de “pensamento-paisagem”, exprime que a paisagem provoca o pensar do sujeito, cujo pensamento se desdobra como paisagem, isto é, há um duplo e recíproco movimento que vai da abstração dos signos sensíveis do mundo aos campos dos signos virtuais e visíveis. Nesse caminho, o ser se faz na maneira como ele se relaciona com o seu entorno, isto é, em sua dimensão polissensorial – que abarca todos os sentidos – , a paisagem pode ser fundamental para a composição das identidades, que se comunicam e se exprimem de maneira interna e externa, por

meio de práticas simbólicas e discursivas. Porque participa inteiramente das vivências dos indivíduos, o lugar influencia e constrói, objetiva e subjetivamente, identidades culturais e sociais. Em Marina Colasanti, vê-se a identidade, especialmente das personagens femininas, como uma construção social e histórica do “próprio” e do “outro”, aspectos que estão reciprocamente engajados e negociados em relações de poder, de confronto ou de troca, que variam no espaço e no tempo. Pretende-se neste trabalho, portanto, ampliar os estudos sobre a obra da autora, reconhecendo a relevância da paisagem para tecer as identidades, especialmente femininas, e os sentidos do texto, uma vez que até então as análises literárias sobre Marina Colasanti pouco ou quase nada se atêm à importância da paisagem presente, sobretudo, nos contos maravilhosos. Para tanto, o trabalho possivelmente será dividido nas seguintes partes: 1- Introdução; 2- As figurações da paisagem na literatura; 3- A escrita de Marina Colasanti; 4- Os elementos da paisagem e a identidade das personagens; 4.1- O horizonte; 4.2- O vento; 4.3- A água e 5- Conclusão. Até o momento, já foram desenvolvidos os segmentos 2, 3, 4 e 4.1.

BIBLIOGRAFIA

COLASANTI, Marina. *Mais de 100 histórias maravilhosas/ texto e ilustrações* Marina Colasanti. – 1. ed. – São Paulo: Global, 2015.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In: ALVES, Ida et al. *Literatura e paisagem*. Rio de Janeiro: EUFF, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (orgs.). Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: *Paisagem, tempo e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004

_____. *Paisagens, textos, identidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

DARDEL, Éric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

ECOS DA TRAGÉDIA SHAKESPEARIANA EM *NOITE NA TAVERNA* E *MACÁRIO*, DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Miréia A. Alves do Vale (Doutoranda)

Alamir Aquino Corrêa (Orientador)

5º semestre

Previsão de defesa: 2023/2

Arguição anterior: Frederico Augusto Garcia Fernandes

Em proposta de estudo comparado, que busca perceber a influência do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616) na obra do escritor brasileiro, da segunda geração do Romantismo nacional: Álvares de Azevedo (1831-1852), o trabalho investiga como Azevedo, em seu estilo de escrita e, também, por meio de uma abordagem de temas densos e complexos, que exploravam o lado sombrio do ser humano, poderia ser resultado de uma ampla leitura, bem como uma identificação com o ser humano que é retratado nas tragédias do bardo, mais especificamente em *Hamlet* (1601), *Otelo* (1604), *Rei Lear* (1606) e *Macbeth* (1607), revisitadas pelo viés da comparação com duas obras de Álvares de Azevedo: *Macário* (1852) e *Noite na taverna* (1855). Nesse sentido, a linha de trabalho desenvolvida na tese encontra-se com uma divisão em quatro partes principais, subdivididas conforme a necessidade de exploração de determinados assuntos, para que a teoria apresentada possa dar suporte para a hipótese levantada em relação à comparação e às semelhanças presentes nas obras dos dois escritores. Em um primeiro momento, busco apresentar pontos considerados relevantes no que tange o autor brasileiro e sua significativa produção, ainda que na breve vida que teve. Para tanto, pretendo debruçar o olhar sobre a ambiência e questões que lhe eram pertinentes enquanto pessoa/estudante/escritor, presentes em suas cartas íntimas, compiladas por Vicente de Azevedo, em *Cartas de Álvares de Azevedo* (1976), nas quais através de conversas com seus entes queridos, tem-se um relato de como ele via o mundo, assim como seus sonhos, medos e interesses por determinados assuntos, enquanto um jovem estudante, distante do conforto familiar do qual, repetidas vezes, mostrou sentir falta e sofrer pela ausência dos seus. Há, também, nessas cartas, relatos de suas leituras, citações de seus livros de cabeceira. Além disso, quero apresentar elementos presentes em seus estudos biográficos, além das informações presentes nas epístolas, nos quais seja possível perceber Azevedo enquanto estudioso e leitor de literatura de língua inglesa, no intuito de encontrar evidências de que tais leituras possam tê-lo influenciado a buscar um determinado tipo de abordagem e temática nos textos que viria a produzir, tal qual suas trocas de correspondências possam trazer elementos de afirmação para o corpo do trabalho, que busca revisitar suas obras, considerando-as como diretamente influenciadas por Shakespeare, com suas temáticas e personagens atemporais. De acordo com a percepção existente sobre de que modo essa influência acontece, um dos pontos mais importantes para o

embasamento da pesquisa está em revisitar a teoria acerca do Mal e do diabo enquanto representação arquetípica máxima do maligno que se faz presente no imaginário da cultura cristã ocidental. A revisitação desse tema será proposta junto a outros, também significativos para a defesa da tese aqui levantada, ou seja, pensar em como o Mal cria uma fusão junto a outros elementos tais quais o gótico, os vícios e a noite. Essa última, por sua vez, demanda um desmembramento que possa tratar de importantes questões: o sonho e o pesadelo, a representação da imoralidade em contraponto com a moral e a ideia de salvação que é algo inerente à luz, haja vista a ideia de diabo, como aquele que teve a queda do reino dos céus e passou a viver nas sombras, sem nenhuma luz. Posteriormente o assunto serão as questões acerca da figura da mulher que, por sua vez, encontra-se entre o bem e o mal, ora como donzela ora como maléfica, capaz de grandes atrocidades. Dentro dessa ambiguidade representada pelo feminino, aqui há de se abordar, primeiramente, a mulher frágil e sua possível relação com aquilo que como representação do bem, enquanto, de outro lado, é estabelecido um paralelo com a mulher má e a explicação dessa maldade, como consequência da loucura e do desvario, o que seriam atribuídos àquela que foge do ideal de donzela e, logo, precisa de uma justificativa por sê-lo. Por fim, ainda nesse terceiro momento do trabalho, elencar uma comparação que pode ser estabelecida na ambiguidade encontrada entre as personagens femininas e o vilão, uma vez que ambos, enquanto representações dos arquétipos literários de bem e mal, são colocados em embate, e despertam a sensação de deparar-se com uma espécie de choque apocalíptico entre o ser que precisa ser salvo, incapaz de promover sua auto salvação e aquele que sucumbe ao Mal por excesso de confiança, por acreditar-se como a suposta figura do salvador, ao passo em que deixa transparecer seu lado mais visceral, pontos esses que se fazem visíveis para nos textos de Shakespeare e de Azevedo. Na parte final da pesquisa está concentrada a ideia central de todo o trabalho, já que consiste na apresentação por meio de comparação, afim de destacar aquilo que é chamado no título de “ecos da tragédia shakespeariana na obra de Álvares de Azevedo”. Para que o encerramento do texto seja executado de modo a retomar as três partes iniciais, nesse último momento a abordagem será dividida em três pontos distintos: apresentação do Mal como elemento de transgressão na Literatura, ou seja, identificar como o Mal e a transgressão se fazem presentes nos atos do que se encontra aqui na figura do homem diabólico, personagem que na figura do arquétipo de vilão esboça em suas ações o que é socialmente inaceitável, ao trazer para os holofotes aquilo que é visto como a figuração de atitudes diabólicas, e, por fim, o estabelecimento da comparação que pretende justificar todo o trabalho: a relação entre o herói e o vilão, assim como do homem sombrio com a mulher frágil. Esse desfecho será efetivamente possível, dado todo o percurso a ser traçado, considerado o aporte teórico anteriormente apresentado a dar o suporte necessário para o eixo central do corpus no intuito de evidenciar com clareza esses embates essenciais que aqui se pretende apresentar. As questões que trazem consideráveis semelhanças nas obras dos dois escritores foram previamente elencadas em um catálogo que levantou os pontos

em comum, desde as personagens, passando pelos temas principais, com enfoque para a temática do Mal, além da ambientação proposta pelos dois autores, em cenários deslocados de sua residência física como autores. Além disso, outro detalhe que merece atenção está nas citações escolhidas por Azevedo para abertura de alguns contos de *Noite na taverna*, quando traz trechos de peças de Shakespeare, assim como faz no prefácio de *Macário* ao descrever como faria se fosse escrever algo realmente bom, que o faria tal como fez o dramaturgo inglês na construção de sua obra. O prefácio aqui citado serviu como ponto de partida para a tese levantada, pois, se o escritor brasileiro diz que se fosse escrever um drama, o faria como fez Shakespeare, por que não investigar sua produção e ver se esse desejo, de fato, não se concretizou em sua escrita.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Álvares de. *Noite na Taverna e Macário*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

AZEVEDO, Vicente de. *Cartas de Álvares de Azevedo*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, vol.1, 1976.

_____. *Álvares de Azevedo Desvendado*. São Paulo: Martins Mec, 1977.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BOQUET, Guy. *Teatro e sociedade: Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva: 1989.

BRADLEY, A.C. *A tragédia shakespeariana*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (Org.). *Literatura comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do Diabo: O Diabo como a sombra de Deus na história*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

HELIODORA, Barbara. *Shakespeare: o que as peças contam*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HELLER, Bárbara; BRITO, Luis Percival de; LAJOLO, Marisa Philbert. *Literatura comentada: Álvares de Azevedo*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KELLY, Henry Ansgar. *Satã: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2008.

LABRES, Claudia. *A Poética do Mal: A Ficção de Álvares de Azevedo, Uma Literatura Sob o Signo de Satã*. 2002. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MELETÍNSKI, E.M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MONTEIRO, Roger. *Da didática infernal – breves palavras a respeito do caráter do Diabo na obra de Álvares de Azevedo*. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: UFRGS – Instituto das Letras, n 18, p.145-152, dez. 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro*. 3. ed. São Paulo: Escala, 2011.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, Jefferson Donizete de. *Um sussurro nas trevas: Uma revisão da recepção crítica e literária de Noite na taverna de Álvares de Azevedo*. 2010. 187f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

ROCHA, Hildon. *Álvares de Azevedo: Anjo e Demônio do Romantismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

SHAKESPEARE, William. *Tragédias*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

A LITERATURA COMO FORMA DE LIBERDADE PARA AS VOZES APRISIONADAS NAS DITADURAS

Eduardo Luiz Baccarin Costa (Doutorando)

Telma Maciel da Silva (Orientadora)

3º semestre

Previsão de defesa: 2024/1

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” A frase de Walter Benjamin (1993, p. 228) no seu ensaio *Teses sobre o conceito de história* é uma das reflexões que pretendemos desenvolver na nossa tese *Voices Aprisionadas na Ditadura*. Nesta pesquisa estudamos como as vozes que se viram aprisionadas – física e emocionalmente – em desdobramentos das Ditaduras de Brasil e Portugal, especialmente na segunda metade do século XX conseguiram se fazer ouvir. Memória e Resistência são duas palavras que não qualificam apenas nossos estudos, como duas das funções essenciais da literatura. Ser o farol que ilumina novos caminhos para que erros do passado não se repitam ou ser um obstáculo quase intransponível nas tentativas de cercear a liberdade, a dignidade humana, o direito e a voz das minorias são algumas das razões do fazer literário. De que maneira a literatura deixa a opressão da censura e da coação para se tornar em instrumento de memória e resistência, articulando passado e presente, é a uma das perguntas que pretendemos percorrer na tese. O estudo está em seus primeiros passos e apenas articulamos oito páginas da sua escrita, até o momento. Pretendemos estudar alguns poemas do livro *Faz escuro, mas eu canto*, de Thiago de Mello, as cartas de Lobo Antunes enviadas para sua esposa no período em que esteve na Guerra de Angola e que originaram o livro *Deste viver neste papel descripto* publicado em 2005, e a trajetória do poeta e jornalista Paulo Martins do filme *Terra em Transe* para, a partir deles, mostrar como estas vozes se tornaram potentes instrumentos de memória e resistência de um tempo em que o fascismo mostrava suas garras afiadas e semeava regimes de exceção por todo o mundo. Renato Franco (1998, p. 108) ressalta que a reconstrução da memória dos eventos ocorridos na Ditadura não é “apenas recompor o rosto do passado perdido ou reconhecer, ainda uma vez, os traços daqueles que foram motivo de alegria, mas é captar no presente – em um agora dominado pelo signo da adversidade – as características de uma outra vida, de uma vida diversa da atual na qual reluz a esperança da pacificação da existência.” Apesar de a fala de Renato Franco fazer referências à Ditadura pela qual o Brasil passou a partir de 1964, ela se encaixa perfeitamente no sentimento que predomina nas cartas que Lobo Antunes escreve à esposa. Nas cartas escritas entre janeiro de 1971 e novembro de 1972, ele relata todas as angústias de quem passa por um confronto bélico quanto revela suas esperanças de viver exclusivamente da literatura, uma vez que é a literatura quem alivia o peso da guerra, como se vê em: “Escrevo-te de manhã, no

gabinete da enfermaria, enquanto espero mais 3 evacuados. Foi o outro médico que aqui está comigo que, desta vez, os foi buscar. Ontem à noite acordámos todos ao som de tiros: devias ter-me visto, de pijama e arma como um coronel de reserva, a sair a correr para a parada, descalço! ... Talvez, realmente, como o Hemingway sustentava, a experiência de guerra seja importante para um homem.” (ANTUNES, 2005, p. 38) Dentro do projeto de pesquisa, a obra de António Lobo Antunes deve ocupar o primeiro capítulo da Tese. Ao estudarmos as cartas, pretendemos levantar questões que nortearam a produção da “Poética do Retorno”. Pensar na escrita alucinada, como Lobo Antunes revela em suas cartas, como forma de liberar a voz aprisionada no trauma da guerra. Discutir como as correspondências nortearam a posterior produção da trilogia, e de como isto acabou sendo determinante para que Portugal conhecesse por meio da literatura, algumas situações vividas nos quase cinquenta anos que Salazar-Caetano conduziram o país com mão de ferro. Glaura Vale (2014, p. 151), na sua tese de doutoramento sobre Lobo Antunes afirma que a “Poética do Retorno” é um conjunto de “[...] romances que espelham a transição vivida não só pelo autor, mas por Portugal como um todo”. Durante muito tempo acreditou-se que Lobo Antunes havia optado por abandonar a medicina e dedicar-se em tempo integral à literatura apenas após seu retorno da Guerra. A opção seria uma forma de superação do trauma. Com a publicação das cartas para a esposa, em 2005, muito desta crença ruiu. Nelas, Lobo Antunes revela que o projeto de ser um homem das letras é algo que o acompanhou até Angola. Já no embarque estava decidido que iria pagar com este serviço militar sua possível dívida com o Governo, do qual era opositor, e depois viver de literatura. Em nenhum momento, nas cartas, Lobo Antunes revela o desejo de seguir com a psiquiatria. “O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. Et pour cause, se dermos uma pequena olhada na história da literatura e das artes, veremos que os serviços que elas têm prestado à humanidade e seus complexos traumáticos não é desprezível.” O pensamento de Márcio Seligmann-Silva (2009, p. 90) também norteará nosso trabalho. Entender como vozes aprisionadas em momentos distintos e de formas diferentes durante as ditaduras provocaram traumas e de como as artes foram caminhos para que eles fossem mostrados é um dos nossos objetivos. Lobo Antunes, Glauber Rocha e Thiago de Mello são exemplos disto. O segundo capítulo da tese enfocará não uma análise fílmica de Terra em Transe, mas a trajetória do poeta Paulo Martins, protagonista da trama, e de como sua tentativa alucinada de associar poesia e política institucionalizada o leva à loucura e à morte. Ivana Bentes (1997, p. 13) uma das principais estudiosas da obra de Glauber Rocha afirma que em “Terra em Transe, Glauber debocha do populismo e do pacifismo na boca de Vieira, o político populista, que brada “o sangue das massas é sagrado”. Paulo Martins, personagem do poeta e jornalista, o próprio artista dilacerado, reage: “o sangue não tem importância. Não se muda a história com lágrimas”. Essa voz que tenta mudar a história com batalhas e poemas transita entre a utopia e a distopia, entre sonho e realidade, entre sanidade e loucura. Tal luta acompanha o poeta que, sem poder

gritar contra os opressores que ajudou chegar ao poder percebe, no fim da vida, que política e poesia não podem ser pesos da mesma balança. Mesmo morrendo, o poeta grita, da voz aos silenciados, ainda que tenha sido cegado ideologicamente durante o processo. Paulo Martins é um dos símbolos do intelectual de esquerda que Benjamin crítica e que se encastela na sua produção, desprezando o anjo da história. A personagem é inspirada no poeta da contracultura Mario Faustino e são deles os versos que norteiam a obra. É a partir da análise destes versos, associados a alguns conceitos da teoria do cinema que faremos o estudo. No terceiro capítulo analisaremos os poemas escritos no Brasil do livro *Faz escuro, mas eu canto*, do poeta Thiago de Mello. O livro foi produzido metade no nosso país, e a outra metade no Chile onde Thiago se autoexilou em 1969, fugindo do AI-5. Para contextualizar historicamente as condições de produção em que os versos foram escritos, e unindo ao segundo capítulo comentaremos a passagem dos oito do Glória, no qual Thiago e Glauber foram personagens decisivos. Para análise dos poemas usaremos os referenciais e os estudos de Aristóteles, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Norma Goldstein, Otávio Paz, Manuel Bandeira, entre outros. Como referência inicial dos aspectos pertinentes à memória e a literatura de resistência usaremos os estudos de Márcio Seligmann-Silva, Renato Franco, Silviano Santiago, Eurídice Figueiredo, Regina Dalcastagne, Leila Perrone-Moisés, entre outros. Para os estudos acerca da obra de Glauber Rocha e do personagem Paulo Martins usaremos os referenciais de Ivana Bentes, Rancière, Andrey Tarkovisky, Alfredo Bosi, Pier Paolo Pasolini, entre outros. Para os estudos em torno da obra de António Lobo Antunes e da Literatura Portuguesa Contemporânea embasaremos a pesquisa com os estudos de Ana Paula Silva, Maria Alzira Seixo, Carlos Reis, Clenir Oliveira, Luís Mourão, Álvaro Machado, entre outros.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, António Lobo. *Deste viver aqui neste papel descripto*. org: Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes. Publicações Dom Quixote: Lisboa- Portugal, 2005.

BACCARIN-COSTA, Eduardo Luiz. *Memória e Resistência: Uma Análise dos Romances Pessach: a travessia e de Os cus de Judas*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Londrina. Londrina- PR, 2019.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da Cultura*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENTES, Ivana. *Introdução a Glauber Rocha, Cartas ao mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

FRANCO, Renato. *Itinerário Político do Romance Pós-64: A festa*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Repensando o campo literário a partir do testemunho: um percurso de Ésquilo a Lobo Antunes*. In: DUARTE, Leila Pereira (Org.). *A escrita da finitude: de Orfeu e de Perséfone*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009. p. 63-98.

VALE, Glaura S. C. *A escrita como resistência em António Lobo Antunes*. Revista Em Tese, vol. 20, n. 2, p.150-170. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/issue/view/303>>, acesso em 31/03/2018.

OS DISCURSOS INCRUSTADOS NO CORPO
CASOS: JUANA DE IBARBOUROU (URUGUAI, 1892-1979) E CAROLINA
MARIA DE JESUS (BRASIL, 1914-1977)

Daniela Rebeca Campos Atienzo (Doutoranda)

Maria Carolina de Godoy (Orientadora)

Suely Leite (Coorientadora)

7º semestre

Previsão da defesa: 2022/1

Arguições anteriores: Diego Giménez e Telma Maciel da Silva

O ponto de partida da minha tese são os “casos de autor” (CRÓQUER, 2000), isso é, a relação que se estabelece entre o autor e a obra e, sobretudo, a particularidade que essa obra e autor encarnam, num momento de crise sobre a “desaparição do autor” (BARTHES, 2004). Pensando com Didi-Huberman (2017), não se pode estudar um autor sem esquecer seus avatares vitais, porém, a vida não se pode sobrepor à obra. Por essa razão, a introdução da pesquisa, intitulada “Marca de um rastro”, gira em torno da apresentação dessa noção, que também desenvolvi no mestrado com a escritora argentina Alfonsina Storni. Considerando que as vidas são particulares, por conseguinte, as obras também o são. Cada caso é uma particularidade do autor e da obra que ele levanta. Neste trabalho, coloco em diálogo, a partir dos “casos de autor” a uruguaia Juana de Ibarbourou (1892-1979) e a brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Contudo, por pertencer a classes sociais diferentes e, no caso de Jesus, racializada, surgem questões excepcionais. Esta vinculação proposta é construída a partir de seus lugares de fala (RIBEIRO, 2019), e não porque uma defenda a posição da outra. O primeiro capítulo, intitulado “Linhas e entrelinhas da escrita de mulheres”, dividido em quatro partes: 1.1. O corpo residual: problemáticas em torno às cores de pele; 1.2. O cânone posto em xeque: as mulheres apropriam-se do discurso; 1.3. Fazer-se um nome: corpo autoral. Cartas de Juana de Ibarbourou e o *Casa de Alvenaria* de Carolina Maria de Jesus e 1.4. Mulheres e pele. A cor faz a diferença? *Chico Carlo* de Juana de Ibarbourou e o *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus. Nesse primeiro capítulo reviso conceitos em relação a nomeação dos corpos que surgem na colonização e como se revelam problemáticos na sua mesma enunciação, apoiando-me com os postulados teóricos e críticos de Fanon (2008), Quijano (2004), Mbembe (2001), Hall (1995), para poder construir o conceito de “corpo residual”, utilizando a ideia de “residual” de Raymond Williams (1979), pensando nos restos da colônia e na configuração desses corpos (MERLEAU-PONTY, 1986; LEVINAS, 2009; BRETON, 2011) e obras. Também, faço um percurso nas literaturas uruguaia e brasileira para situar as escritoras em um contexto e poder acentuar sua excepcionalidade no campo literário e cultural na América Latina; ao mesmo tempo, apresento esses corpos autorais que as mesmas escritoras constroem: Ibarbourou através das cartas e de Jesus por meio dos diários, ambos gêneros reclusos ao espaço privado,

porquanto inscrevem seus nomes como registro de uma obra e de uma vida. Culmino esse primeiro capítulo com a análise dos corpos residuais presentes em *Chico Carlo* e o *Diário de Bitita*. No segundo capítulo, “Vida-obra. obra-vida. É a vida mesma ou é a obra?”, organizado em três partes: 2.1. Poesia é mulher. Mulher é poesia; 2.2. Tentativas de escrita performática. Vozes sobrepostas e 2.3. Calamidades: mulher, erotismo e solidão. Boas maneiras corrompidas, analiso a poesia das escritoras desde a incorporação do corpo feminino e suas diversas formas de autorrepresentação. Além disso, nessas produções podemos pensar a performance do eu poético (KINGLER, 2016) na construção do “espaço biográfico” (ARFUCH, 2010), as escritas de si (FOUCAULT, 1992), as “escrevivências” (EVARISTO, 2020) e a mesma performance do gênero (BUTLHER, 2007) na experimentação de um eu lírico masculino desde a posição da poeta. Termino esse capítulo com a erotização do corpo feminino, mas também a solidão tanto do corpo envelhecido quanto do corpo negro (VALEIRO, 2020). Finalmente, no capítulo III, “toda a partilha do sensível. possibilidades de entrada”, dividido em três partes também: 3.1. Mitos femininos. Procurando a transcendência; 3.2. Arquivos em ascensão. Dizeres da vida e 3.3. Outras materialidades presentes. Sempre através da imagem, proponho estudar a produtividade que esses casos levantam, desde as diversas materialidades e discursos: a construção de um mito de mulher escritora do século XX, as biografias romanescas, a visibilização das pesquisas que nos últimos anos surgem, constatando seu caráter de contemporâneas (AGAMBEN, 2009) e a posta em cena na imagem desses corpos fotografados e como essas imagens (ANTELO, 2004; MITCHELL, 2015) geram por si só construções ficcionais sobre sua presença em espaços intelectuais, além dos documentários que foram feitos sobre elas. Trata-se então de reconstruir um caso, de olhar no arquivo as múltiplas visões sobre sua obra e seu devir mulher escritora na América Latina, ambas excepcionais em seu fazer literário e intelectual, pensando nas problemáticas que experimentam as mulheres expostas nos espaços de poder, cada uma desde seu lugar diferenciado e fundando um discurso individual, mas que ao mesmo tempo, transforma-se em coletivo, uma vez que enuncia de uma posição que sempre é percebida como uma “minoría” (CIXOUS, 1995), ainda mais quando se é negra (DAVIS, 2016; RIBEIRO, 2018; HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019). A recepção coletiviza um discurso que nasce a partir de uma singularidade e termina sendo curioso nas massas e nas mesmas pesquisas, sempre um dado a mais por pesquisar nos arquivos, nas casas e nos museus onde repousam seus textos. Por essa razão, as considerações finais intitulam-se “Relações que se abrem”, justamente porque os casos não se concluem jamais, sempre aparece uma leitura nova que os atualiza, um comentário, um dado biográfico nunca antes descrito, um documento, uma carta escondida, uma fotografia nunca mostrada, uma edição ampliada, revisada e comentada, um reconhecimento ou prêmio póstumo ou a recente publicação das obras completas de Carolina Maria de Jesus. Nesse sentido, minha tese procura construir estes “casos de autor” que são transcendentais em nossos espaços acadêmicos e na historiografia das mulheres latino-americanas, ampliando a

“colagem invisível” à que fazia referência Ana Pizarro (2004), já não só mulheres (brancas), mas os corpos residuais que transitam nas vidas e nas obras de Juana de Ibarbourou e Carolina Maria de Jesus.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANTELO, Raúl. *Potências da imagem*. Chapecó: Santa Catarina, 2004.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O Rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRETON, David Le, *Antropologia do corpo e modernidade*. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BUTLER, Judith. *El género en disputa*. Tradução de María Antonia Muñoz. Barcelona-Espanha: Paidós, 2007.

CIXOUS, Hélène. *La risa de la medusa*. Ensayos sobre la escritura. Tradução de Ana María Moix. Barcelona: Anthropos, 1995.

CRÓQUER, Eleonora. *El gesto de Antígona o La escritura como responsabilidad* (Clarice Lispector, Diamela Eltit e Carmen Boullosa). Santiago de Chile: Cuarto Propio, 2000.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *La imagen superviviente*. Historia del arte y tiempo de los fantasmas según Aby Warburg. Tradução de Juan Calatrava. Madrid: Abada Editores, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivências: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, pp. 26-46.

- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
- HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. In: *Z Cultural*, Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Tradução de Liv Sovik. 1995, pp. 1-6.
- HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- IBARBOUROU, Juana de. *Obras completas*. Madrid, Aguilar, 1968.
- JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. José Carlos Sebe Bom Meihy (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996a.
- JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*. Diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961.
- JESUS, Carolina Maria de. *Clíris*. Poemas recolhidos. Organização Raffaella Fernandez e Ary Pimentel. Rio de Janeiro: Desalinho, Ganesha Cartonera, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP, editora, 2014.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KINGLER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 3Ed. Rio de Janeiro, 7 letras, 2016.
- LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Tradução de Daniel Enrique Guillot. 6ta reimpressão. Siglo veintiuno, 2009.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, a 23, n 1, 2001, pp. 171-209.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *El ojo y el espíritu*. Tradução de Jorge Romero Brest. Barcelona: Paidós, 1986.
- MITCHELL, W.J.T. *O que as imagens realmente querem? Pensar a imagem*. Org. Emmanuel Alloa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- PIZARRO, Ana. El “invisible collage”. Mujeres escritoras en la primera mitad del siglo XX. In: *El sur y los trópicos*. Ensayos de cultura latinoamericana. Chile: Cuadernos de América sin nombre, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014, p. 777-832.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VALERIO, Amanda Crispim Ferreira. *A poesia de Carolina Maria de Jesus: um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola*. Orientador: Dr. Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Estadual de Londrina, 2020.

WILLIAMS, Raymond. Dominante, Residual e Emergente. In: *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DE ABDIAS À CENA NEGRA CONTEMPORÂNEA: SEMELHANÇAS E PECULIARIDADES DO TEATRO NEGRO DAS REGIÕES NORDESTE E SUL DO BRASIL

Maria Júlia Werneck de Oliveira (Doutoranda)

Maria Carolina Godoy (Orientadora)

7º semestre

Previsão de defesa: 2021/2

Arguições anteriores: Miguel Heitor Braga Vieira e Sonia Ap. Vido Pascolati

Esta pesquisa, inicialmente, esteve pautada no estudo do teatro negro, a partir de Abdias Nascimento. A maturação da pesquisa, as disciplinas realizadas no PPGL, os comentários nos SEDAs anteriores, a participação em eventos, cursos, debates e, nesse contexto de pandemia, *lives* foram delineando novos recortes na pesquisa. Além disso, a composição do *corpus*, o contato com os grupos de teatro e as dificuldades impostas pelo contexto 2020/2021 para acesso a materiais criaram a necessidade de reconduzir, mais de uma vez, os caminhos da elaboração da tese. Mantém-se, nessa etapa final, o ponto de partida: o Teatro Experimental do Negro (TEN) em vista de ser o marco para a discussão sobre o tema, ter grande importância no cenário artístico e político brasileiros de 1944 a 1961 e instigar a reflexão sobre de que modo seus pressupostos iniciais se mantêm nas manifestação do teatro negro hoje. Mais precisamente, minha proposta de tese de doutorado tem como foco central o teatro negro brasileiro e o delineamento das regiões nordeste e sul, na cena negra atual. Julgo importante ressaltar a urgência de demarcar o adjetivo “negro” em minha tese acerca do teatro negro. Um preâmbulo será escrito em meu estudo a fim de explicar mais profundamente esse assunto. Brevemente aqui, trago algumas ideias que tenho lido, como em Cuti (2010), em artigo intitulado “*Quem tem medo da palavra negro?*”, ele aponta para o fato das pessoas não utilizarem o termo justamente com receio dos efeitos que ele irá causar. Pelo fato das palavras trazerem consigo significados, muitas vezes, elas nos intimidam e evitamos usá-las. Dessa forma, ele argumenta que, ao se evitar pronunciar tal palavra, muitas pessoas acreditam estarem distantes do “malefício” da palavra “negro”. “É provável que a palavra “negro”, para quem é racista ou sua vítima conformada, deva ter aquele sentido de tabu: se falar atrai. No caso, atrai a vingança do negro contra o branco ou a prática do racismo do branco e mestiço contra o negro”. (CUTI, 2010, p.10). Ao evitar a palavra, ocorre o silenciamento dela, que Cuti (2010) aponta como uma forma de precaução por parte da sociedade. Porém, Cuti (2010) menciona que essa maneira de pensar não colabora com uma visão séria a fim de solucionar problemas sociais. A palavra “negro” utilizada de forma positiva, por meio dos movimentos negros, tem por objetivo instaurar a superação do racismo e reforçar uma identidade que vem sendo destruída por séculos. Silenciar essa palavra é dissimular as conquistas já feitas nesse sentido: “Não há identidade negra possível sem o combate progressivo ao racismo. A ideia

de “cultura” isenta de vida e, portanto, de conflito, só reforça a hipocrisia instaurada como norma. Não há identidade brasileira sem identidades negra, índia e mestiças livres dos padrões hegemônicos brancos”. (CUTI, 2010, p. 11). Assim, é necessário demarcar que se trata de teatro negro, uma dramaturgia que busca reforçar essa identidade negra desconhecida dos próprios negros, uma vez que a dramaturgia brasileira branca sempre procurou reproduzir um papel de subalternidade da população negra em inúmeras peças, como por exemplo na peça- *O demônio familiar*(1857), de José de Alencar, que apesar de ter a figura de Pedro, sendo ele negro e personagem principal, Pedro aparece como tutelado pelo branco (texto até hoje inclusive lido em cursos de artes cênicas em detrimento de textos contemporâneos em que o negro não ocupa esse papel subalterno). No caminho das leituras para escrita da tese, meu estudo tem buscado, também, muitas vezes, conceituar o teatro negro. No entanto, conforme menciona a pesquisadora Christine Douxami (2001), não há uma definição uniforme do que consiste ser o teatro negro, pois o que o caracteriza é sua diversidade. Podemos pensar que consiste em teatro encenado por negros, ou que sua dramaturgia aborde questões que envolvam a pessoa negra, como pode ser entendido, ainda, como a presença de um diretor negro. Sendo assim, é importante frisar que há diferentes formas de realizar o teatro negro, a partir do rumo da concepção adotada. Nesse intento, não busco em minha tese elaborar um conceito acerca disso – uma vez que minhas reflexões a partir de leituras e estudo da temática negra têm problematizado a ideia de elaborar conceitos. Nesta temática, existem significativos estudos e publicações nos mais diversos campos de análise, como a tese de Girlene Verly Ferreira (2017), de Letras : *A Dramaturgia do Teatro experimental do Negro (TEN) e do teatro profissional do Negro (TEPRON): corpo e identidades* (UFMG), a dissertação de Maybel Sulamita de Oliveira (2018), de história: *O Teatro experimental do negro em meio à militância e a intelectualidade: eventos programáticos realizados entre 1945 e 1950* e a dissertação de Arnando Nogari Júnior (2018), de Letras: *TEN, Abdias e Rosário Fusco: a (RE)construção da Personagem negra no teatro Brasileiro*, localizada nesta universidade (UEL). Em busca de estudos da cena negra contemporânea, também me deparei diante de muitas publicações, como por exemplo a tese de Evani Tavares Lima (2010) das artes: *Um olhar sobre o teatro negro do TEN e do Bando de Teatro Olodum*(UNICAMP), a dissertação de Cristiane Sobral Correa Jesus (2016) no campo das artes: *Teatros Negros e suas estéticas na cena teatral brasileira* (UNB) e recentemente, a tese de Juliana Rosa de Souza (UDESC) das artes cênicas: *Reflexões sobre o teatro negro: uma análise a partir de textos teatrais contemporâneos de autoria negra* (2019). No entanto, são inúmeras publicações que dispõem de pouca visibilidade na academia, já conhecida como marcadamente eurocêntrica e legitimadora de um viés predominantemente branco e que reproduz um pensamento ainda colonizador em grande parte. Isso diante de um país como o Brasil, de uma riqueza cultural e popular ímpar, marcado em sua genealogia por quatro séculos de escravidão, realidade cruel que deixou suas marcas perversas até hoje. Um exemplo seria no drama burguês (a peça *Demônio*

Familiar, de 1857, é um exemplo) em que o personagem negro quando aparece, sempre surge de forma estereotipada, reforçando sua subalternidade e invisibilizando-o, como indivíduo não dotado de subjetividade e história. A partir dessas considerações, meu objetivo geral começa pela análise de peças do Teatro Experimental do Negro (TEN), vinculado a Abdias do Nascimento e verifica em que medida as semelhanças e peculiaridades dos teatros negros do nordeste e sul de nosso país dialogam ou ampliam as ideias propostas no TEN. O delineamento das regiões nordeste e sul como foco de análise da cena negra atual, que proponho para estudo, dá-se em virtude do ineditismo de se elaborar uma análise que busque observar como regiões distantes geograficamente produzem suas cenas negras de forma resistente, diversa e também com correspondências. Para isso, cito alguns autores e autoras que tenho lido a fim de orientar meus processos de análise: Abdias Nascimento (1961;1978;1979; 2002) Frantz Fanon (1979), Augusto Boal (1983), Leda Maria Martins (1995), Stuart Hall (2003), Haroldo Costa(2004), Evani Tavares (2015), Bell Hooks (2019), Grada Kilomba (2019). Atualmente encontro-me na fase da escrita da tese, que tem os seguintes capítulos:

- 1) Abdias e o cenário político-social.
- 2) Traços ou temas principais dos textos de Abdias à época.
- 3) Análise das duas peças *Sortilégio* de Abdias.
- 4) O teatro negro contemporâneo: a cena negra do Nordeste (Bahia, Pernambuco) e do Sul (Rio Grande do Sul).
- 5) Semelhanças e Peculiaridades dos teatros do Nordeste e Sul.
- 6) Conclusão.

No capítulo 1, busquei construir uma rápida retomada da figura de Abdias Nascimento e sua importância política à população e arte negras. Em seguida, no segundo capítulo, penso em verificar traços ou temas principais dos textos de Abdias de sua época e também de autores que ele reuniu em sua antologia intitulada *Drama para negros, prólogo para Brancos* (1967). No capítulo 3, será feita uma análise das duas edições da peça *Sortilégio* (1957) e *Sortilégio II- Mistério negro de Zumbi Redivivo* (1979), de Abdias, pois foram montagens de muito sucesso - *Sortilégio II* foi a reescrita da primeira - e evidenciam traços muito interessantes quando nos debruçamos para conhecer o teatro negro. No capítulo 4, tenho elaborado análises de peças que compõem os grupos selecionados para o corpus de análise. Bahia: Grupo NATA (Alagoinhas, BA) - Montagens: *Siré Obá- a Festa do Rei* (2013) e *Oxum* (2018); Companhia de Teatro da UFBA- montagem: *pele negra, máscaras brancas* (2019); Pernambuco: O Poste Soluções Luminosas- Montagem: *Ombela* (2014). Sul: Grupo Caixa Preta (Porto Alegre, RS) - Montagens: *Hamlet Sincrético* (2005) e *Antígona BR* (2008). No capítulo 5, planejo desenvolver as comparações e semelhanças dos grupos acima citados.

BIBLIOGRAFIA

BERND, Zilá. *O que é negritude?* São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

COSTA, Haroldo. *O negro nas artes cênicas. História do negro no Brasil*, Brasília, v. 1, p. 205-261, 2004.

DOUXAMI, Christine. *Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono*. Afro-Ásia, Bahia, n. 25-26, p. 313-363, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Estudos de Literatura Brasileira contemporânea, Brasília, n. 31, p. 11-23, jan.-jun.2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, João Roberto. *História do teatro brasileiro*. Das Origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX. V. 1. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.

HALL, Stuart. *Cultura popular e identidade: a identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMA, Evani Tavares. *Por uma história negra do teatro brasileiro*. Urdimento, Florianópolis, v.1, n. 24, p. 92-104, julho de 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/6490-18992-1-PB.pdf>. Acesso em 14/06/2020.

MENDES, Miriam Garcia. *A personagem negra no teatro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *O negro e o teatro brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1993.

Martins, Leda Maria. *A Cena Em Sombras*. Debates. Perspectiva, 1995.

Mello, Gustavo, ed. "Olonadé," 2011.

——, ed. “Olonadé: A Cena Negra Brasileira. Um Mergulho No Universo Da Dança e Do Teatro Negro Brasileiro,” 2010.

——, ed. “Olonadé: O Teatro Da Comuns. Um Mergulho No Universo Da Dança, Música Teatro Negro Brasileiro, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris. (Org.). *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.

NASCIMENTO, Abdias. (org.). *Dramas para negros e prólogo para brancos*. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

———. (Org.). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1978.

———. (Org.). *O quilombismo*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002.

———. *Sortilégio (mistério negro)*. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

———. *Sortilégio II: mistério negro de Zumbi redivivo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Edição: 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

SILVA, Luiz (Cutí). *Quem tem medo da palavra negro*. In: revista de arte negra, Porto Alegre: 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

TENDAS NÔMADES NOS TEMPOS DO RAP

João Paulo Toledo de Carvalho (Doutorando)

Maria Carolina de Godoy (Orientadora)

5º semestre

Previsão de defesa: 2022/2

Arguição anterior: Telma Maciel da Silva

“O tempo histórico é sempre plural: são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que, por certo, atuam eficazmente na rede de conotações do seu discurso.” (BOSI, p. 121, 1977). O RAP brasileiro tem cantado de múltiplas formas o tempo que estamos vivendo. Presenças e materialidades do caos social transbordam nosso copo de tempestades; vazam ideias das comportas das cabeças de um enxame de MC’s que se extravasam nos versos. A dicção cancional negra ensinou o *flow* ao globo, e hoje o RAP é voz e arma poética de diversos povos e etnias. Em *O Ser e O Tempo da Poesia*, Alfredo Bosi (p. 13, 1977) nos disse que “A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo.”. Nos tempos do RAP ressoam imagens da supra realidade que nos envolve. Catarse nos cruzamentos das ruas e entroncamentos da rede, o RAP aposta no sonho. A gnose e o gnosticismo encantam muitas das imagens desses jovens narradores de seu tempo. Algumas lâminas do Tarot de Marselha nos ajudam a perceber o “aviso de incêndio” (LÖWY, 2005) desse “novo tempo do mundo” (ARANTES, 2014) inscrito nas imagens destes MC’s. No início de 2016 concluímos nossa pesquisa de mestrado, na qual estudamos videoclipes de RAP, e em meados do mesmo ano o país vivenciou um golpe (não televisionado, híbrido) contra nossa democracia. Neste período foi gestado o projeto de doutorado que estamos desenvolvendo atualmente, que consiste em cartografar alguns dos trabalhos mais expressivos do RAP nacional produzido no período pós-golpe de 2016. Três arcanos maiores do Tarot de Marselha nos servem de guia nesse território nômade: O Eremita, A Roda da Fortuna e A Estrela; cada qual regendo uma Tenda que reúne MC’s e suas rimas audiovisuais. Os artistas selecionados para compor a tese foram os seguintes: Baco Exú do Blues, Sandrão RZO, Gigante do MIC, Síntese, Fábio Brazza, Racionais MC’s, Marcelo D2, MV Bill, Nocivo Shomon, Djonga, Novíssimo Edgar, Black Alien, Kunumi MC, Oz Guarani, Bro MC’s, Brisa Flow, Souto MC e Kaê Guajajara. As obras escolhidas para análises e comentários encontram-se no *youtube*, nos canais de cada artista acima referido. Para a Tenda do Eremita já possuímos alguns capítulos em estágio adiantado do texto: o primeiro, Gorgulho nas veredas do hip-hop, onde apresentamos questões referentes à oralidade do RAP; o segundo, O livro e o sagrado negro do RAP, onde apresentamos a relação do RAP e do livro ao tratarmos de *Sobrevivendo no Inferno* pela Companhia das Letras; e o sexto, Síntese e o interior surrealista, onde apresentamos *Ambrosia*, o último álbum audiovisual do grupo, e debatemos temas como esquizofrenia e arte. Para a Tenda da Roda da Fortuna também temos alguns capítulos já consideravelmente desenhados: o

segundo, O xadrez e A Morte em reverb, na qual tratamos a imagem da Morte jogando xadrez pintada por Albertus Pictor, seu eco no *Sétimo Selo*, de Bergman e seu sample na capa do álbum *Babylon By Gus*, Vol.2, de Black Alien; o terceiro, D2 versa e filma a memória transmídia, em que tratamos da obra cujo rapper carioca registra a memória do isolamento social por conta do vírus; o sexto, Djonga no jogo quente da Mente, onde debatemos o RAP *game* como jogo dentro do álbum *Nú* do rapper mineiro; e o sétimo, Edgar na exaustão da reprodutibilidade, onde trazemos as teses de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica e sobre o conceito de história em contraponto aos cantos algorítmicos de Ultraleve. Para a Tenda da Estrela ainda não temos nenhum dos capítulos iniciados, mas o contorno geral deles resume-se em acompanhar o RAP indígena brasileiro. Para tanto, demonstraremos como o hip-hop chegou ao movimento indígena nacional e como tem se expandido, bem como sua íntima ligação com a Literatura Indígena e Nativa. Os temas debatidos são agrupados por afinidades simpáticas com as imagens e narrativas de cada arcano que nomeia as tendas, assim: na Tenda do Eremita, Paul Zumthor (1993) nos ampara as reflexões sobre oralidade, Zilá Bernd (1988) nos dá o suporte para o debate da literatura negra, e André Breton nos fundamenta com o surrealismo, bem como Michael Löwy (2018), com *A Estrela da Manhã, Surrealismo e marxismo* e Cláudio Willer (2010), com *Um Obscuro Encanto, gnose, gnosticismo e poesia moderna*; na Tenda da Roda da Fortuna ocorre o debate sobre a Morte como simulacro, amparado em Perniola (2000), e como barganha, amparado em Kümbler-Ross (2000), bem como debateremos as noções de intermedialidades e transmedialidades, o jogo e o aspecto lúdico, máquinas de guerras e TAZ (Zona Autônoma Temporária), para tanto nos valeremos de Gumbrecht (2010) e suas reflexões sobre as materialidades midiáticas, de Clüver (2011) sobre intermedialidades, de Miranda e Simeão (2014) sobre verbivocovisualidade, de Huizinga (2019) sobre jogo, e ainda Deleuze e Guattari (2012) e Hakim Bey (2018); e na Tenda da Estrela é onde apresentaremos os debates sobre Literatura Indígena e Literatura Nativa, xamanismo e medicinas tradicionais, metamorfoses e a serpente cósmica, a queda do céu e a maquinação do mundo, e para isso entram em cena Mircea Eliade (2016), Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019 e 2020), Kaká Werá Jecupé (2016), Werá Jeguaka Mirim (2014), Julie Dorrico (2017), Olívio Jekupe (2011), Daniel Munduruku (2012), José Miguel Wisnik (2018), Emanuele Coccia (2020) e Jeremy Narby (2018). Dentre as narrativas associadas ao arcano 17, A Estrela, está a cura e a conexão com a terra. Vinda depois das ruínas da Babilônia representada pelo arcano anterior, A Torre, ou A Casa de Deus, A Estrela sugere a esperança em um mundo renovado, e quando ainda em 2016 elaborávamos o projeto desta pesquisa utilizamos como epígrafe para apresentar a Tenda da Estrela, a canção de Caetano Veloso, *Um Índio*, no qual o compositor canta “um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante/ de uma estrela que virá em uma velocidade estonteante... mais avançado que a mais avançada das tecnologias...”. Ailton Krenak em seu mais recente livro, *A vida não é útil*, no capítulo intitulado “Sonhos para adiar o fim do mundo”, comenta justamente essa canção de Caetano ao refletir sobre a pandemia que estamos

vivendo, “Vamos ter que nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui. E nós ansiamos por esta novidade, pois ela é capaz de nos surpreender. Terá o sentido da poesia de Caetano Veloso na música “Um Índio”: nos surpreenderá pelo óbvio. De repente, vai ficar claro que precisamos trocar de equipamentos. E – surpresa! – o equipamento que precisamos para estar na biosfera é exatamente nosso corpo.” (2020, p. 45). Já é da própria natureza do RAP trabalhar o tempo de forma circular, desde sua materialidade mais primária nos sulcos dos vinis que são riscados para ficarem em looping enquanto o MC atualiza os temas que estão em seu campo de visão – exógeno e endógeno. Assim a ancestralidade dos griots, sua oralidade e presença, é revivida dentro do universo da indústria cultural e das simulações. Tambores, LPs e maracas encantam a rede de dígitos na virtualidade das imagens técnicas. O professor Alfredo Bosi (p. 212, 1977), – mais vivo do que nunca, em levante com os mortos da COVID-19 – nos ensina: “A função da metáfora é “dar sentido e paixão a corpos mortos”, realizando uma operação de transporte existencial e semântico”.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. Editora brasiliense: São Paulo, 1988.

BEY, Hakim. *TAZ, Zona Autônoma Temporária*. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Veneta, 2018. (Coleção Baderna).

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. Editora Cultrix. São Paulo: Editora USP, 1977.

CLÜVER, C. *Intermedialidade*. Pós, v. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413>.

COCCIA, Emanuele Coccia. *Metamorfoses ; desenhos de Luiz Zerbini ; tradução Madeleine Descamps e Victoria Mouawad*. – Rio de Janeiro : Dantes Editora, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*, Vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janica Caiafa. – São Paulo. Editora 34, 2012. (2ª ed.).

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*, Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo. Editora 34, 2011. (2ª ed.).

ELIADE, Mircea. *Tratado das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz, Natália Nunes. – 5ªed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

GRAHAM, Stephen. *Cidades Sitiadas: O novo urbanismo militar*. Trad. Alyne Azuma, 1ªed. São Paulo, Boitempo. 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação*. *Teresa*, n. 10-11, p. 388-409, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116873>

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. 9 ed, São Paulo: Perspectiva, 2019.

JECUPÉ, Kaká Werá. *O trovão e o vento : um caminho de evolução pelo xamanismo tupi-guarani* ; São Paulo : Polar Editorial : Instituto Arapoty, 2016.

JEKUPE, Olívio. e Kerexu, Maria. *A mulher que virou urutau*. 1ed. – São Paulo: Panda Books, 2011.

KRENAK, Ailton. *A Vida Não é Útil* ; pesquisa e organização Rita Carelli. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LÖWY, Michael. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Trad.: Eliana Aguiar. 2.ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, trad. Das teses. Jeanne Marie Gangnebin e Marcos Lutz Müller. Boitempo editorial – São Paulo, 2005.

MIRANDA, A. L. C. de; SIMEÃO, E. L. M. S. *Da Comunicação Extensiva ao Hibridismo e Animaverbivocovisualidade (AV3)*. *Informação & Sociedade: Estudos*, v.24, n.3, p. 49-62, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/19075>

MIRIM, Jeguaka. *Kunumi guarani* ; ilustração Gilberto Miadaiara. – 1ed. – São Paulo : Panda Books, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)* / São Paulo : Paulinas, 2012.

NARBY, Jeremy. *A serpente cósmica : o DNA e as origens do saber* . Rio de Janeiro : Dantes, 2018.

PERNIOLA, Mário. *Pensando o Ritual: Sexualidade, morte, mundo*. Tradução Maria do Rosário Toschi. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

WILLER, Cláudio. *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e poesia* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do Mundo : Drummond e a mineração* – 1ªed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: A “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.